

Karine de Miranda Alves

Navegando a clínica dos afetos,

Por Uma Clínica-Poética: perspectivas ético-político-estéticas para e pelo corpo

Uberlândia/MG

2021

Karine de Miranda Alves

Navegando a clínica dos afetos,

Por Uma Clínica-Poética: perspectivas ético-político-estéticas para e pelo corpo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Juliana Soares Bom-Tempo

Uberlândia/MG

2021

Karine de Miranda Alves

Navegando a clínica dos afetos,

***Por Uma Clínica-Poética* perspectivas ético-político-estéticas para e pelo corpo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof^a. Dr^a Juliana Soares Bom-Tempo

Banca Examinadora Uberlândia,

22 de fevereiro de 2021

Prof^a. Dr^a. Juliana Soares Bom-Tempo

Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Prof^a. Dr^a. Tatiana Benevides Magalhães Braga

Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Mestre Juscelino Mendes

Artista e Psicólogo Clínico

Uberlândia/MG

2021

Agradecimentos

Esta jangada foi tecida com muito afeto e cuidado, atravessada pelos encontros daqueles que se dispuseram a estar com e me potencializaram a experienciar outros modos possíveis de existência e trabalho clínico.

Agradeço a Marina Queiroz, que desde o início da navegação esteve ao meu lado compartilhando a caminhada e me dando forças para atravessar.

A professora Juliana Bom-Tempo, por sua escuta atenta e sensível, por seu acolhimento e cuidado que transpassavam as barreiras da relação professor-aluno, numa educação por afetos.

Aos participantes e demais companheiros e companheiras do projeto *Por Uma Clínica-Poética*, Giovanna Paula, Juscelino Mendes, Isabela Giorgiano, Ediberto Rocha, pelos encontros tão potentes e pelas trocas afetivas, que me fizeram apostar na potência do grupo.

Aos meus pais que me incentivaram a dedicar aos estudos, apoiando minhas decisões e a minha irmã, primos e amigos próximos que também foram suporte, abrigo e afago.

Por acreditar que a construção se dá no entre, agradeço cada um e todos que atravessaram meu caminho e possibilitaram a navegação desta jangada. Sem cada um de vocês, nenhuma palavra teria sido possível.

Resumo

Na presente navegação, parte-se do objetivo de analisar as dimensões éticas, estéticas e políticas ligadas ao corpo no projeto *Por Uma Clínica-Poética*. Para isso, tomo a escrita deste texto como a construção de uma jangada, o que consiste em concebê-la como recurso de atravessamento de certo caos presente em uma vida que se vive. Deste modo, junto a um caminho pessoal, e que, mesmo assim, afirma como compromisso as forças coletivas, portando como estratégia de acompanhamento a cartografia, fui descrevendo as paisagens e abrindo passagens aos processos experienciados no projeto para e pelo corpo. Inicialmente, os encontros da *clínica-poética* eram realizados de forma presencial e, em meio à pandemia do novo coronavírus, passaram ao formato online, sendo que me engajei em ambos enquanto participante e facilitadora. O projeto, tendo como base a perspectiva clínica da esquizoanálise e apostando em recursos e técnicas do campo das artes do corpo, se apoia em um rigor ético, estético e político para germinar e acompanhar os encontros. A ética envolvida na proposta do projeto, se liga em acessar uma força afirmativa, uma potência no outro, aumentando sua capacidade de afecção no mundo, conduzidos pelas marcas agenciadas a cada encontro. A sua concepção de saúde se dá enquanto criação, buscando outras relações com os signos, os modos de existência e os encontros, incorporando no pensamento, estados inéditos gerados em um corpo que se abre às intensidades no mundo. Nesse sentido, há, no projeto, a aposta em uma “sabotagem” dos signos previamente estabelecidos do que pode um corpo na relação com o outro. Assim, em vistas à uma situação pandêmica e um estado social que se pode considerar suicidário, as produções clínicas e artísticas se apresentaram como acontecimentos capazes de engendrar outros possíveis, de forma a resistir às forças que tendem a capturar nossos corpos e subjetividades.

Palavras-chave: Clínica-Poética, Corpo, Afetos, Devir, Cartografia.

Abstract

In this navigation, the objective is to analyze the ethical, aesthetic, and political dimensions linked to the body in the project *Por Uma Clínica-Poética*. For this, I take the writing of this text as the construction of a raft, which consists of conceiving it as a resource for crossing particular chaos present in a lived life. In this way, along a personal path, which, even so, affirms collective forces as a commitment, with the accompanying strategy of cartography, I described the landscapes and opening passages to the processes experienced in the project for and by the body. Initially, the poetic clinic meetings were held presential and, amid the new coronavirus pandemic, it went online, and I engaged in both as a participant and a member of the team. Based on the clinical perspective of schizoanalysis and betting on resources and techniques in the field of body arts, the project is based on an ethical, aesthetic, and political rigor to germinate and accompany the meetings. The ethics involved in the project's proposal is linked to accessing an affirmative force, a power in the other, increasing its capacity for affection in the world, driven by the brands agency at each meeting. His conception of health occurs as a creation, looking for other relationships with signs, modes of existence and encounters, incorporating in his thoughts, unpublished states generated in a body that opens up to the intensities in the world. In this sense, there is, in the project, a bet on a “sabotage” of the previously evolved signs of what a body can in relation to the other. Thus, given a pandemic situation and a state that can be considered suicidal, clinical and artistic productions presented itself as an event capable of engendering other possible ones to resist the forces that tend to capture our bodies and subjectivities.

Keyword: Clinic-Poetics, Body, Affections, Becoming, Cartography

Sumário

Construindo a jangada	9
Encontrando caminhos	27
Analisando as amarrações da jangada	31
Navegando em um porvir	45
Acompanhando os efeitos da navegação	58
Referências	61
Anexos	65

Construindo a jangada

Buscarei na presente pesquisa trilhar os caminhos que me fizeram chegar até o projeto *Por uma Clínica-Poética*¹ e as sensibilidades que afetaram meu corpo nas experimentações propostas, enquanto participante e facilitadora. Não se trata, pois, de um percurso estritamente autobiográfico, mesmo passando por uma dimensão pessoal. Trata-se, antes, de acompanhar as multiplicidades de forças, sempre coletivas, sempre multidões que me atravessaram nesta navegação e que me forçaram e que me fizeram devir²-outras. Assim, tomo a escrita deste texto como a construção de uma jangada, a partir de um caminho pessoal enquanto um plano e um território de acontecimentos, que teve como estratégia de acompanhamento a cartografia, descrevendo as paisagens e abrindo passagens aos processos ali experienciados.

Considerar a escrita enquanto a construção de uma jangada implica concebê-la como recurso de atravessamento do caos de uma vida que se vive, entendendo as flutuações do rio a navegar enquanto aquilo que é próprio à vida de todos e de cada um. Nesse sentido, se faz necessário corpos que se disponibilizem a ler com os sentidos ampliados, para além da visão, se abrindo a perspectivas outras, que não se restrinjam às que já estejam habituados. Isso exige uma precisão necessária para que escritor e leitor consigam chegar ao outro lado do rio e haja ressonância nos, pelos e entre corpos.

Deligny (2013) utiliza a jangada para dar a ver um modo de existência coletivo ou uma “tentativa”, que busca ter certa consistência precisa, para que consiga sustentar a carga

¹ Projeto de extensão e pesquisa-intervenção, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão – PROEX e à Pró-Reitoria de Assistência Estudantil – PROAE da Universidade Federal de Uberlândia/MG - UFU. É supervisionado pela Prof^a. Dr^a. Juliana Bom-Tempo e conta com uma equipe multiprofissional composta por estudantes e profissionais de diferentes áreas do conhecimento, como a Psicologia, Arquitetura, Letras e Dança, atuando de forma conjunta com os presentes desde 2018/02. O projeto visa atender discentes e a comunidade externa em situações de adoecimentos psíquicos, emocionais e relacionais, entendendo os sintomas sempre como forças coletivas e políticas, ligados aos modos de relação com uma vida. Assim, produz um espaço coletivo de acolhimento dos afetos, incitando, através das artes do corpo, outros modos de ver e sentir o mundo, enfrentando a crise de certo agora (Bom-Tempo, 2019).

² Deleuze e Guattari (1997) abordam o devir não enquanto uma imitação, representação ou como um “tornar-se” algo. O devir para os autores está sempre relacionado à multiplicidade e a desterritorialização, em uma processualidade multiplicatória de criações e produção de si e do mundo.

existencial. Para isso, ela não deve estar sobrecarregada ou mal distribuída e o modo como é disposta tem uma funcionalidade, assim como troncos de madeira ligados de forma suficientemente frouxa, e, ao mesmo tempo, precisamente presa, mas não tanto. Precisamos, portanto, construí-la de tal modo que não seja nem tão flexível, nem tão rígida para que possamos atravessar juntos as águas de um rio que nos é urgente atravessar.

Enquanto estudante de Psicologia e amante, desde pequena, da dança e de algumas possibilidades de construção artística, sentia que minha graduação pouco falava sobre as artes do corpo enquanto potência para o campo da saúde mental. Percebia que, apesar do curso possuir, ainda que pouco, algumas disciplinas e espaços que versassem sobre a importância da arte para o campo da Psicologia, em geral não abordava as artes do corpo. As diversas abordagens em geral apresentavam terapêuticas ligadas à linguagem, pouco se implicando diretamente com o corpo como forma de expressão do mundo, analisando e problematizando os modos de vida que, inclusive nós, futuros Psicólogos, levávamos e que, também, nos adoecem³.

Nesse contexto, sentia que meu corpo estava sem apetite, sem vontade, e que as pessoas ao meu entorno, de diferentes cursos, também, estavam atoladas por certo produtivismo acadêmico. Isto, pois na universidade há a cobrança por boas notas para a composição de um Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) alto, participações em eventos científicos, projetos de extensão, publicações de artigos, vagas em estágios, pois tudo isso influencia no sucesso ou insucesso da vida acadêmica. Percebia que todas essas experiências, apesar de necessárias por se tratar de um contexto de aprendizagem, geravam um ambiente de competição

³ Na graduação de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), temos duas disciplinas optativas teóricas, que abordam a importância da arte para nossa formação e sua relação com a subjetividade: GPI 109- Arte e Formação de Psicólogos e IPUFU 31532 - Subjetividade e Arte. O corpo é estudado nas disciplinas obrigatórias GPI 003 - Anatomia e ICBIM 39201 - Fisiologia e na disciplina optativa IPUFU 31529 - Interações Mente-Corpo. O grupo aparece nas disciplinas teórico-práticas obrigatória GPI 047 - Teorias e Técnicas de Grupo, e optativa GPI 114 - Tópicos Especiais em Práticas Grupais.

entre as pessoas e um esgotamento físico e emocional devido às cobranças, presentes de diferentes formas, em cada curso.

Apesar de tais cobranças, há que se ressaltar alguns dos lugares de privilégio que ocupo, por exemplo, por estar em uma universidade pública, dedicando a maior parte do meu tempo a ela. Entendo que esta realidade de competição faz parte do funcionamento do capitalismo, sendo o ambiente acadêmico apenas um dos meios de transmissão desse modo de relação. Entendo também, que a forma como acontece a vivência universitária é influenciada pelas escolhas e trajetórias individuais, mas vejo o papel central da cultura em projetar, no campo individual, desejos, modos de existência e de construir individualidades a partir disso.

Desse modo, disciplinas como Epistemologia, além de projetos de cunho social e estágios em instituições, fizeram-me refletir criticamente sobre a máquina social capitalista em que estamos inseridos, no qual precisamos produzir incessantemente e adoecemos para gerar lucro, não só financeiro, mas uma economia das atenções, das percepções e dos desejos. Além disso, cuidados com Práticas Integrativas e Complementares (PICS)⁴, como meditação e yoga de que participei, convidaram-me a experimentar outras corporeidades e novos modos de estar no mundo, diferente do corpo cotidiano, este último condicionado à uma aceleração adoecedora que nos engaja numa perda de consistência existencial. Assim, essas experiências me abriram muito os olhos para certa ótica capitalista que somos ensinados a ter, me despertando para a necessidade de descobrir as potencialidades e mesmo as capturas operadas pelo e através do corpo.

Pereira e Gioia (1988) buscam entender as condições históricas e materiais que culminaram no desenvolvimento da ciência, analisando a influência do capitalismo. Segundo

⁴ As Práticas Integrativas e Complementares (PICS) são tratamentos em saúde baseados em conhecimentos tradicionais, as quais são indicadas para a prevenção de doenças e como forma de tratamento adicional à medicina convencional. São ofertadas pelo Sistema Único de Saúde (SUS) 29 procedimentos das PICS distribuídas em 9.350 instituições de saúde, com maior concentração na atenção primária (Ministério da Saúde, S.d).

elas, a passagem do feudalismo ao capitalismo sofreu influência da abertura do comércio ao mundo, a expulsão dos camponeses de suas terras e a absolutização e fortalecimento da burguesia. Nesse sentido, o início da indústria moderna se deu junto ao acúmulo do capital e a certa axiomática capitalística que tem a desterritorialização e a descodificação como modo de operação principal (Deleuze e Guattari, 2010). O capital acumulado por alguns opera na mesma medida em que a classe trabalhadora, que até então se sustentava pelo artesanato local e pelo uso da terra, era expropriada tanto da propriedade quanto do saber-fazer. A extinção das corporações de artesãos e de suas terras, se deu como um modo de desterritorialização dos territórios de vida e trabalho, e, também, através de descodificações de saberes populares e conhecimentos tradicionais, aprendidos, em grande parte, por transmissões que se davam entre pares, pois não respondiam economicamente aos interesses do mercado e à lógica de produção industrial. Nesse sentido, a subordinação de uns em detrimento de outros, para que a indústria e o comércio se desenvolvessem, culminou no surgimento do indivíduo “capitalista”, que detém e se subordina aos meios de produção.

Lukács (2009), ao dissertar sobre a crise da filosofia burguesa engendrada no seio da produção industrial capitalista, aponta que há uma privatização do homem individualizado em relações de trabalho operário e, também, sociais com as implementações de instituições como a fábrica, a família nuclear e a escola pela democracia formal do liberalismo. Segundo ele, o individualismo moderno mutila o homem enquanto indivíduo e personalidade. Assim, quanto mais vai se estruturando a dimensão econômico-privada do homem, mais a sua personalidade se identifica com um lado explorador, o que inclui, inclusive, considerar como indispensáveis para alguns homens a gestão da fome e das privações.

Sentia-me levada pela roda de tal lógica, vendo-me extremamente adoecida, também. Em conversas com minha colega de turma Marina Queiroz⁵, sobre a saudade de dançar e de arte,

⁵ Marina Queiroz é minha amiga, colega de sala e foi minha parceira de pesquisa, estando conjuntamente comigo

que ela, também, partilhava; decidimos buscar a interface arte e saúde mental em eventos culturais, oficinas, apresentações e momentos de diversão, mudando um pouco nosso lazer para além dos bares. Esses encontros nos levavam a pensar o quanto sentíamos falta disso e o quanto seria bom atrelar Arte e Psicologia no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Na Unidade de Internação em Saúde Mental (UISM), estive inicialmente como estagiária em 2018/02 e depois comoicineira do projeto De Lírios⁶ em 2019/02. Nesse contexto, via a importância do projeto em trazer alívio e acalanto para o momento da internação de pacientes graves em crise ligada ao adoecimento psíquico, emocional e relacional, em contraposição a um modelo institucional predominantemente biomédico. Nesse ambiente, presenciei algumas crises psicossomáticas de alguns pacientes, crises estas que eram interrompidas imediatamente com contenções. O mesmo acontecia através de intervenções medicamentosas, o que me gerava estranhamento, angústia e me levava a questionar se não haveria outros modos possíveis de intervenção.

Foi nesse meio que conheci o projeto *Por Uma Clínica-Poética* e, logo percebi como faziam o manejo de momentos de crises psíquicas, emocionais e relacionais quando estas surgiam, dando vazão e contorno ao que a pessoa sentia na conexão íntima com o coletivo. Assim, pensava o quanto tal projeto era importante para abrir os apetites, as sensibilidades e os olhos daqueles que tratam o adoecimento mental como algo exclusivamente individual, agindo de uma forma a deslegitimar o que o paciente sente em seu contexto de vida, bem como o papel da sociedade e das dimensões políticas no surgimento e nas operações que se manifestam em sintomas.

ao longo de todo o processo de pesquisa. Ela também se tornou integrante da equipe do projeto *Por Uma Clínica-Poética* e pesquisou sobre “Grupaldades e afetos engendrados na criação, condução e acontecimento de uma clínica-poética” em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

⁶ O Grupo Dê Lírios tem como uma de suas ações principais desenvolver o Projeto Oficinas Terapêuticas Interdisciplinares, que é realizado na Unidade de Internação em Saúde Mental do Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) desde 2017/02 até o momento presente, por um grupo de alunos de cursos diversos, as quais visam promover acolhimento e expressão da subjetividade através das Artes no setor psiquiátrico.

Em busca por novos olhares, debrucei-me a experienciar, no primeiro semestre de 2019, enquanto participante, as vivências propostas pelo projeto *Por Uma Clínica-Poética*. Primeiro, com um olhar curioso sobre esse espaço recém criado na universidade e que até então, trazia uma perspectiva em relação ao corpo ainda não abordada na graduação em Psicologia da UFU. Depois, percebi que a curiosidade foi se transformando em necessidade, pois sentia que precisava estar ali quanto mais eu pudesse, por uma questão da arte enquanto potência⁷ de vida, desenvolvendo outros modos de subjetivação, e, também, para poder extravasar fluxos que não conseguia o fazer em outros locais. Fui abrindo meus apetites, percebendo o quanto meu corpo precisava acordar e meus sintomas diziam sobre coisas que nem eu sabia que precisava verbalizar, resistir e reinventar.

Gostaria de apresentar um dos nossos encontros que criaram marcas ainda vividas em meu corpo. Antes, seria interessante conhecer como se dá a chegada dos participantes na *clínica-poética* e como os facilitadores se agenciam nos encontros. Os participantes chegam no projeto voluntariamente e/ou por encaminhamentos da PROAE ou do projeto Proteger-se⁸. Para a participação, é necessário o preenchimento de um cadastro disponibilizado na rede social Instagram: @porumaclinicapoetica com informações como nome, idade, contato, pessoas de confiança e seus respectivos contatos, endereço, profissão, curso e uso de medicamentos. Todas essas informações nos permitem fazer um mapeamento dos participantes que estamos recebendo, garantindo um cuidado com os mesmos em situações que, porventura, possam exigir intervenções para além do encontro.

Os facilitadores do projeto são responsáveis por criarem coletivamente os procedimentos, organizarem os materiais, inscrever e recepcionar os participantes e conduzir os encontros. A

⁷ Deleuze (2002), a partir de uma leitura de Espinosa, aborda a potência enquanto o poder dos corpos de afetar e de serem afetados, bem como a sua capacidade de agir no mundo.

⁸ Projeto emergencial de serviço terapêutico online para servidores e estudantes da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) em decorrência da pandemia do novo coronavírus, atuando desde abril de 2020.

adesão dos mesmos no projeto não se dá por processo seletivo, mas pelo desejo em construir conjuntamente as propostas e o consenso do grupo em receber novos integrantes. Para uma organização interna, é realizada uma reunião anterior a cada encontro, para construir de forma coletiva os procedimentos a serem utilizados nos encontros e distribuir a condução dos mesmos entre todos, para que cada facilitador conduza uma etapa do procedimento. Todos participam dos encontros recebendo as propostas enquanto não estão em processo de condução. Assim, durante os encontros, todos os facilitadores adotam uma postura de receptiva-atividade⁹, seja recebendo as propostas ou conduzindo, pois é necessário um estado de alerta, e, também, de abertura.

Em um dos encontros da *clínica-poética*, vivenciamos a experiência de corpos felinos, em outubro de 2019 – no Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia. Esta foi uma vivência que muito me afetou, na qual estiveram presentes 7 facilitadores e mais 8 participantes. A experimentação propunha abrir as sensibilidades do corpo a partir da construção de um “corpo felino”, experiência apresentada na figura 1 a seguir, e que culminou ao fim, com as reverberações geradas nos, pelos e através dos corpos, em uma pequena dança.

⁹ Orlandi (2004) explica que a atitude de receptiva-atividade, se dá a partir de choques entre os signos estabelecidos, que precisam ser decifrados, e os acontecimentos, os quais não se esgotam em um momento dado de sua efetivação.



Figura 1: Corpos felinos. Local: Salas de Lutas - UFU Santa Mônica Data: 15/10/2019

Fonte: Foto de Karine Miranda, Uberlândia- MG, 2019.

Antes de imergirmos em corpos felinos, preparámo-lo com posturas do yoga como esfinge, pequeno triângulo, pirâmide, prancha, peixe, fazendo essa sequência de posturas de forma fluida e com cinco repetições da série. Assim, começamos com a postura da esfinge, que envolve regiões como tronco, peito, ombros e costas e visa trabalhar flexibilidade, respiração e mobilidade. Passamos para a postura do pequeno triângulo, que envolve uma torção no quadril e coluna vertebral e aumenta a força e estabilidade das pernas, proporciona uma abertura ao peito, além de alongar e fortalecer os músculos.

Depois, nos levantamos para realizar a postura da pirâmide, colocamos uma perna à frente, deixando uma distância entre elas e posicionamos as mãos por sobre a perna da frente, de forma que formasse uma pirâmide. Então desfizemos a postura e nos deitamos com a barriga para baixo na posição da prancha, que consiste em colocar as mãos no chão na altura dos ombros e levantar o quadril e o restante do corpo como uma prancha, sustentando o corpo com a força do abdômen. Por fim, fizemos a postura do peixe, em que se deita em decúbito dorsal, com as costas voltadas ao chão, as pernas juntas, esticadas e os dedos dos pés voltados para frente e

coloca-se as palmas das mãos embaixo dos glúteos, deixando os cotovelos retos no chão.

Com tais posturas feitas e com o corpo aberto a novas sensibilidades e aquecido, começamos a nos deslocar caminhando como gatos, nos movendo lentamente em quatro apoios, com as pontas dos pés apoiadas no chão, como uma meia ponta e a ponta dos dedos das mãos, também, semiflexionados. Mãos soltas, olhar baixo, pés aterrados, virada cruzada. Corpos felinos. Caminhávamos até que os olhares se cruzassem pedindo acoplamento. A feição rígida de um olhar me capturou indicando que haveria ali um embate de forças. A música “Tsunami Chaos” interpretada por Gabrielle Roth & The Mirrors, envolvia o ambiente no tônus necessário para esse embate. Com a cabeça encaixada uma na outra, lutamos até que as forças se cessassem. No meu entorno, vários olhares ferozes diante de seus rivais, outros serenos em busca de carinho. Os olhares foram então se apaziguando e os corpos escorrendo pelo chão movidos pelo cansaço das lutas, dos chamegos, dos encontros. O incipiente olhar de estranhamento dos participantes foi dando vazão a uma visível vontade de experimentar aquela proposta, com olhares ferozes tais como de um gato raivoso frente a outro.

Essa movimentação não tinha o intuito de imitar um gato, mas de transpor ao corpo uma sensação felina, com pequenas tensões e movimentações que trouxesse aos presentes a experiência gato. Rasurar certos contornos de um corpo organizado, provocando-lhe estados inéditos. Esse procedimento faz referência a experimentações da *dança butôh*¹⁰ e tem como referência a oficina ministrada pelo professor Tadashi Endo, em setembro de 2019, no LUME teatro na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, no qual o facilitador Juscelino

¹⁰ A dança Butoh foi desenvolvida por Hijikata Tatsumi no fim dos anos 50, enquanto um projeto político-artístico. O artista, tendo experienciado o período pós-guerra no Japão, propôs uma nova concepção de dança, a partir da ruptura com os valores conservadores contemporâneos. Nesse sentido, a dança butoh faz uma abertura ao corpo, numa relação próxima com a morte (Peretta, 2019).

Mendes¹¹ participou e compartilhou conosco tal metodologia¹².

Na clínica-poética, fazemos uma aposta na construção coletiva dos procedimentos. Para isto, nos reunimos semanalmente anteriormente aos encontros, momento esse em que coletivizamos desejos, bloqueios, potências e tristezas que possam ser utilizadas no cuidado de si e compartilhado coletivamente. Cada integrante traz o que o atravessa naquele momento, um livro, um conto, um exercício corporal, um objeto, uma vontade, carregados das marcas gravadas em seus corpos. Uma clínica dos desejos alimentados entre si.

Assim, o modo de funcionamento do grupo se dá a partir da perspectiva da transversalidade, uma ruptura dos modos horizontais e verticais de comunicação, fazendo-se uma abertura à variações das funções, das posturas e das perspectivas, uma aposta ética, afirmando aquele que fala, independente do lugar que ocupa, bem como o caráter de produção de desejos presente na prática narrativa (Guattari, 2004, citado por Passos & Barros, 2009). Nesse sentido, faz-se uma ruptura nos modelos tradicionais de organização grupal, concebendo uma dimensão política dos encontros.

Após a experimentação, relaxamos o corpo no chão, esfregando-o na superfície de apoio como uma serpente. Depois, nos sentamos, encontramos duplas e negociamos para nos levantarmos juntos apoiando as costas sem o auxílio das mãos. Ao nos levantarmos, começamos já de pé, uma espécie de beijo, uns com os outros, a partir do apoio das costas, que consistia em fazer movimentações com as costas que se assemelhassem a um beijo.

Então, desprendemos das duplas e, de pé, negociamos descidas e subidas em diferentes tempos de 8 a 1, a fim de exaurir a energia corporal. Assim, era preciso descer o corpo ao chão

¹¹ Juscelino Mendes é formado em Psicologia pela Universidade de Rio Verde, mestre em Artes Cênicas pelo programa de pós-graduação em artes cênicas da Universidade Federal de Uberlândia, graduando em Dança pela mesma universidade. Atualmente atua no projeto de extensão “Por uma clínica-poética” atendendo jovens e adultos em trabalhos de grupo, onde são abordadas estratégias das artes do corpo para compor uma clínica que se dá no entre dos corpos.

¹² Essa oficina foi oferecida pelo LUME - NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS TEATRAIS DA UNICAMP. Disponível em: <http://www.lumeteatro.com.br/?fbclid=IwAR2YYRcpdCsBhMHULP8-XkscQnCjPn5-gsbISTAQwisuMWRum2KUCkRJEN0>

e depois subir, em uma velocidade correspondente a contagem de 8 a 1, depois de 4 a 1, 2 a 1, até precisar fazer esse movimento em 1 só tempo, mudando o ritmo e a velocidade entre descer e subir o corpo, sequência que se repetiu por cerca de três vezes. Com os corpos cansados, caminhamos, paramos e os olhos de todos foram vendados, começando então uma “pequena dança”, até encontrar o tônus necessário para se manter de pé. Os participantes então foram guiados a realizar pequenos movimentos, sendo pedido que deixassem a dança reverberar no corpo. A “pequena dança” ou *small dance* é uma primeira proposição das técnicas de Contato-Improvisação proposta por seu sistematizador, o dançarino norte-americano Steve Paxton (1980). De um ponto de vista que nos interessa tensionar neste trabalho, foi realizada uma proposição clínica e poética que de modos muito precisos e específicos desterritorializou os signos de forças empreendidos sobre o que é estar em si e o que é estar gato, sobre uma tênue relação convocada pelo encontro junto a um procedimento de construção de certa corporeidade e uma presença muito específica.

Para que serve e o que pode um corpo na relação com outro e com o espaço? Como colocar para fora uma ferocidade que agencie forças de agressividade, e que, ao mesmo tempo, não o machuque ou engendre relações de autodestruição? Ao final do procedimento, percebi que uma participante, cansada, começou a falhar a respiração, enfraquecendo o corpo e denunciando sua necessidade de ar; ela estava tendo uma crise de pânico, associada a um quadro asmático. Para além da falta de ar, uma força tinha sido agenciada naquele encontro e movimentado suas partículas, a ofegante falta de ar se juntava a um desespero que contaminava a todos. Uma raiva tinha sido colocada para fora e precisava ser cuidada, necessitando de contornos.

Nesse sentido, alguns facilitadores se juntaram para acolher a participante, enquanto os demais se mantiveram afastados, posto que ainda estavam vendados. Assim, foi se criando um território existencial de acolhimento, em que se buscava entender as necessidades da

participante e acolher o que seu corpo denunciava enquanto sintoma. Ela podia então, extravasar o quanto precisasse que estávamos ali por e para ela. Naquele momento, ela, que estava de pé, foi colocada com cuidado no chão sobre o tatame por uma das poéticas daquele encontro.

Alguns dos presentes foram sendo convocados para construir esse território de amparo e cuidado, assim como uma bombinha para crises de asma, algumas pedras, um borrifador com óleo essencial de alecrim, além dos corpos, das respirações e das presenças dos demais participantes, que, mesmo distantes entre si no espaço da sala onde realizávamos o encontro, compuseram a jangada com seus silêncios, escutas, suas atenções e prontidões. Todos estes corpos adentravam a jangada à medida que a participante denunciava a necessidade de certos contornos. Havia uma composição entre os corpos, os espaços, os mínimos sons e gestos que lhe eram oferecidos. Ao final da travessia, ela estava bastante consciente e agradeceu os cuidados de todos, relatando que se sentiu cuidada, diferente do que acontece quando uma crise é desembocada em um ambiente não seguro, como na rua, por exemplo.

Durante as vivências, construímos e nos colocamos em relação dentro de um plano comum, que consideramos da mesma natureza de uma jangada. Nessa jangada, é preciso construir uma composição entre os corpos, partindo do que Deleuze (2002, p. 132), a partir de Espinosa entende ao afirmar que “um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um *corpus* linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade”. Compreende-se os corpos, portanto, humanos e inumanos, a partir de sua capacidade de afetar e ser afetado, numa análise dinâmica intensiva e latitudinal dos afetos. Simultaneamente, define-se os corpos de forma cinética, extensiva e longitudinal, a partir das velocidades e lentidões entre suas partículas, seus movimentos e repousos.

Assim, olha-se para os corpos através de modos de relação com o outro e com o mundo

e não por suas formas ou funções. Esses afetos podem se dar por um limiar máximo ou mínimo, reduzir ou ampliar sua potência corpórea. O objetivo da *clínica-poética* é buscar modular a abertura dos corpos a uma potência afirmativa dessa capacidade de afecção, navegar a clínica dos afetos. As afecções se referem às marcas e as mobilizações ou ainda deformações estabelecidas nos corpos quando de encontro com outros corpos. O afeto, em contrapartida, se relaciona aos sentimentos e marca a passagem de um estado corpóreo a outro (Deleuze, 2002).

Inicialmente, começa-se a amarração da jangada para garantir sua consistência. Em todos os encontros, ao se dar início à *clínica-poética*, negocia-se com os presentes um acordo, um momento que chamamos de pacto, composto por três verbos-musculares, intitulados assim já que atuam sobre os corpos dos envolvidos durante todo o trabalho: 1. Se entregar não é se abandonar; 2. Você tem autonomia no trabalho e é especialista em você mesmo; 3. Cuidar do outro é cuidar de si, não tem diferença. Depois do pacto dito e efetivado entre os presentes, coletiviza-se os afetos, a partir da questão: Como você está agora? (Bom-Tempo, 2019)¹³.

Lidamos com as proposições de cada *clínica-poética* considerando-as procedimentos. Segundo Feil (2010), Deleuze aborda o procedimento não enquanto um protocolo, mas uma desmontagem de uma forma pré-estabelecida para a criação de novas possibilidades, fazendo os objetos entrarem em variação. Em “Crítica e Clínica”, Deleuze (1997, p. 19) disserta que “o procedimento é o próprio processo da psicose” e demonstra como Louis Wolfson, escritor americano, estudante de línguas e esquizofrênico, fez a língua variar. Ele escrevia seus livros em francês em uma tradução automática, porém com regras através de um procedimento linguístico, que consistia em traduzir uma palavra de sua língua materna, buscando alguma palavra estrangeira que tivesse significado e fonema comuns. Deleuze retrata esse

¹³ Conferência apresentada presencial e oralmente na abertura do VIII Seminário Conexões: Deleuze e Corpo e cena e máquina e ... realizado em 11 de novembro de 2019 na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, intitulada DRAMATURGIAS CLÍNICAS: Como se dá uma ética dos encontros quando não se tem amanhã? disponível em: <https://conexoedeleuze2019.wordpress.com/>. O texto da conferência encontra-se no prelo em livro, pela Editora FE-Unicamp, que contém as conferências apresentadas no referido evento.

procedimento, ele próprio, enquanto um acontecimento capaz de escavar os desvios e impelir a linguagem a um limite, a fim de devastar as significações.

O procedimento da *clínica-poética* em si se constitui em três momentos interconectados. 1º momento - Abrir o corpo, no qual busca-se abrir a sensibilidade dos corpos dos presentes; 2º momento - Iminência, vista como ponte, pois coloca um problema ao corpo e o coloca em estado de criar passagem para fazer vazar os fluxos bloqueados; 3º momento - Intempérie, tempo-espaço em que os sintomas e vazamentos emergem, os quais são acompanhados, fazendo-se um manejo clínico, tendo como método a intuição (Bom-Tempo, 2019).

Deleuze (1999) aborda que a intuição não se constitui por um pressentimento ou inspiração, mas uma qualidade da consciência imediata, um fluxo diferenciado e contínuo a partir de uma apreensão direta das coisas, a qual não passa por uma formulação lógica racional e linear. Ainda que simples, a intuição apresenta uma multiplicidade qualitativa e virtual e se constitui como um método rigoroso e com regras precisas, as quais sendo: 1- testar a veracidade ou falsidade dos próprios problemas, agenciando e criando-os, de forma a evitar e denunciar a formulação de problemas inexistentes ou mal formulados; 2- reencontrar as reais diferenças de natureza, de forma a lutar contra as ilusões colocadas, indo em direção às condições da experiência e ultrapassando-a, ampliando-a e buscando encontrar as particularidades de que depende; 3- colocar os problemas e buscar resolvê-los mais em função do tempo do que do espaço, haja vista que a intuição pressupõe uma duração.

O que aconteceu com a participante, no encontro descrito anteriormente, o modo como fomos nos agenciando, tanto os facilitadores quanto os demais presentes, toda uma dramaturgia do acontecimento clínico convocada na corporeidade daquele encontro, trata-se de uma operação clínico-poética que tem a intuição como método, o procedimento como jangada e a atmosfera criada como composição estética de fluxos vitais, que encontram outros caminhos para passar para além do sintoma.

Um corpo que vive a experiência de atravessar a crise acompanhado de outros corpos que instituem um cuidado em presença, transformando de modo concreto, tátil, sensorial a vivência do atravessamento da crise numa experiência de cuidado que permite sustentá-la. Nesse sentido, é um tipo de acontecimento que coloca em xeque o próprio problema de um corpo em afasia, desmistifica a crise desmantelando a ilusão de um corpo que não poderia atravessar o caos e finalmente alia-se ao tempo como a nau condutora do acontecimento clínico, dando a ver micro diferenciações, até então imperceptíveis, da duração, que já é, em si mesma, variação contínua, levando em conta a leitura deleuziana das proposições de Henri Bergson.

A duração, segundo Deleuze (1999), é uma experiência em que se preserva através do tempo, estados instantâneos do espaço em uma sequência ininterrupta de momentos diferenciados, sendo uma experiência não apenas vivida, mas ampliada e ultrapassada. Pressupõe, portanto, na *clínica-poética*, deixar que as marcas ali agenciadas nos participantes atuem em seus corpos, movimentando-os a partir do que dura da experiência em seus corpos para além do espaço. Tais modos de condução, também implicam em encontrar uma precisão necessária na condução dos procedimentos, buscando a colocação de problemas reais e bem colocados que agenciem nos presentes a criação de um plano metaestável, o que por si só tende a responder tais problemas; nem estável demais que impeça o evento da crise e nem instável demais que impossibilite o manejo. Ademais, buscar ir contra as ilusões da experiência que, por vezes, tais ilusões se encontram tão insustentáveis que ocasionam uma confusão na pessoa em relação à natureza do que se passa, se é, por exemplo, uma lembrança ou uma percepção.

No movimento de experimentação a que me coloquei enquanto participante na *clínica-poética*, sentia um ambiente bastante acolhedor gerado pelo grupo, com olhares atentos e precisos para nos receber. “Como você está?” era a questão disparadora dos encontros, colocada após a efetivação do Pacto e após todo o procedimento. Essa questão era visivelmente temida por muitos, inclusive por mim, em geral por não saber uma resposta. Parecia difícil interpretar

o próprio corpo e as próprias sensações e sentimentos de uma forma analítica, sincera e não automática. Seria o corpo que nos habita mais ausente que as informações que carregamos sobre o que precisamos fazer/ter no dia-a-dia? Haveria continuamente em nós uma presença ausente?

O acolhimento acompanhava todo o processo, e em coletivo, todos os que ali estavam pareciam estar disponíveis para cuidar, para além de ser cuidado, e não apenas quem fazia parte da equipe. Apesar da dificuldade em responder à pergunta disparadora, todos o faziam de alguma forma e quando as questões eram coletivizadas, a sensação que se tinha era que muitas delas eram atravessadas por demandas da universidade, principalmente, o cansaço e o acúmulo de atividades.

Existia uma delicadeza na fala e nas proposições colocadas ali, que me faziam sentir cuidada e isso me permitia confiar meu corpo ao grupo, ainda que de olhos fechados, como em algumas proposições era conduzido estar. A confiança era essencial para que o trabalho me afetasse, pois as proposições exigiam de mim uma entrega do meu corpo ao toque do desconhecido, ao acoplamento com outros corpos e ao compartilhamento de questões íntimas. Enquanto participante, não compreendia muito bem alguns comandos e o pacto que era falado pelos facilitadores, mas, ainda assim, conseguia captar a seriedade do trabalho e me afetar por ele.

Minhas primeiras experiências foram carregadas de intensa visceralidade. Meu corpo era tomado pelas vivências, como se minhas partículas estivessem mudadas naquele momento, seja pela ativação de uma potência em mim, seja por denunciar sintomas. O tempo se dilatava e era como se viajasse através dele, em diversas experiências tais como aquela em que experimentamos corpos felinos, anteriormente descrita.

Da minha parte, nesse e em outros encontros, a insustentabilidade de um modo de vida levado por mim naquele período se manifestava pela forma como meu corpo se expressava, esgotado pelo ritmo produtivista da universidade. Por vezes, em outros e, também, naquele

encontro, abandonava meu corpo, por não conseguir sustentá-lo e quando o encontro terminava, me sentia perdida, desorientada nos passos e caminhos para casa, com dificuldades para realizar outras atividades posteriormente.

Tais experimentações me acompanhavam fora do procedimento e me convocavam a experimentar outro tipo de vivência no mundo, como se meu corpo estivesse funcionando até então no piloto automático e eu precisasse ativar meus sentidos de outros modos. Meus olhos, super estimulados com as telas e com as trocas de olhares cotidianas e aceleradas, eram forçados a se demorarem nos olhares com outros, enxergar em cada presente uma história, um percurso até chegar ali, uma dor que pudesse estar carregando. Eu era movimentada a enxergar, no outro, histórias e ritmos para além de um corpo no espaço-tempo.

As artes do corpo, os verbos musculares e a forma como cada um, a partir do seu corpo e estado se colocavam no encontro, eram os agenciadores para alinhar e construir a jangada com uma consistência precisa, de forma que possibilitasse atravessar o procedimento e era lindo como operava de um modo sensível e afetuoso. Enquanto recurso de atravessamento do rio, as artes do corpo me mostravam que a existência poderia ser poesia e criação para além de produtividade. Se desnudar e se demorar em experimentar outros modos de utilizar objetos cotidianos, o próprio corpo e o espaço como um ato inútil¹⁴ de saborear a existência, produzir desejos e fazer vazar os fluxos do próprio corpo. Um ovo ali não era só um ovo, mas meu dilema, minha questão; uma toalha poderia se tornar casulo; um garfo uma ferramenta de abertura da pele. Transversalizar papéis onde os corpos, os objetos e o espaço têm importância equânime para a criação do procedimento.

Enquanto participante que chegava ali para experimentar o procedimento proposto pela equipe da *clínica-poética*, mergulhada nas experimentações, tudo se mostrava tão articulado que não se dava para perceber, nem imaginar os imprevistos que ocorriam. A equipe vivenciava

¹⁴ Referência à economia do dispêndio de George Bataille (2013).

os processos de forma conjunta com os participantes, o que deixava tudo muito natural e as passagens de conduções eram amarradas de uma forma muito consistente que nem parecia ter toda uma organização das estratégias anteriormente, mesmo sendo algo guiado pela intuição.

A partir dessas vivências e sensações, surgiu o desejo em pesquisar a *clínica-poética*, o que resultou em minha implicação para entrar para a equipe do projeto. Isto, pois, eu precisaria me afetar continuamente com o projeto e com as proposições de forma participativa, o que Barros e Kastrup (2009) abordam como a aposta da pesquisa cartográfica, que é o acompanhamento de processos e conseqüente produção de dados em uma concepção de pesquisa-intervenção.

Assim, utilizando a cartografia enquanto estratégia de acompanhamento e partindo da perspectiva de que o capitalismo gera em nós modos de existência e, portanto, uma determinada política dos afetos, das percepções e dos desejos, se faz necessário pensar em outros modos possíveis junto ao que vivenciava de novo junto à *clínica-poética*. Desta forma, o objetivo desta pesquisa é analisar as dimensões ético, estético e político ligadas ao corpo experienciado na *clínica-poética*. Ético enquanto afirmação de certo devir-outro, a partir das diferenças, estas conduzidas por marcas gestadas pela experiência vivida; estético enquanto possibilidade de criação e incorporação de tais marcas no próprio pensar como modo de ser conduzido por afecções; político enquanto enfrentamento das forças adestradoras que obstruem o devir em nós, possibilitando uma abertura a se revisitar e se construir no mundo.

Encontrando caminhos

Para alinhar a presente jangada, com capacidade suficiente para atravessar o rio, segui em busca de caminhos para navegar. A partir do desejo e interesse em pesquisar sobre a clínica-poética, entrei para o projeto enquanto facilitadora, porém, a pesquisa já havia começado comigo como participante; ao entrar na equipe me dei conta disto. Assim, por meio de um caminho pessoal, acompanhei processos de produção de subjetividade a partir da minha experiência cartográfica, analisando de forma autobiográfica as afecções do corpo instituído, meu próprio corpo na relação com os outros.

No início de minhas participações, comecei sem entender como deveria guiar minha atenção, ainda de forma bastante insegura, como em um relaxamento passivo e em uma rigidez controlada. A partir do início da pesquisa, fui experimentando esse lugar e, através de uma observação e de uma receptiva-atividade, deixando minha atenção operar de modo flutuante, à espreita, buscando exercitar o que propõe Virginia Kastrup (2009).

A atenção, segundo a pesquisa cartográfica, deve ser colocada de modo a rastrear sem objetivo fixo, pelo e no problema, até ser tocada por algo ao nível das sensações, de modo involuntário, fazendo a percepção pousar. O pouso implica uma reconfiguração do campo ou da janela atencional, a partir de um centro mais pregnante, podendo se estreitar em um trabalho fino e preciso, em magnitude e intensidade, para melhor observar, ou ainda, se distribuir e aumentar o enquadramento de diferentes formas. Depois, novamente se faz necessário suspender a atenção para reconduzir aquilo que se observa, trazendo imagens do passado para melhor destacar seus contornos, para que de fato se acompanhe processos e não represente o que se observa (Kastrup, 2009).

Assim, minha atenção, rastreando as afecções a cada encontro da *clínica-poética*, pousou nas implicações do projeto a partir da análise das dimensões ético, estético e política ligadas ao corpo. A cada encontro, as atitudes atencionais de rastreio e de suspensão se faziam

necessárias. Então, deixava minha atenção de modo a captar as afecções de meu próprio corpo na relação com os demais sem objetivo determinado, reconfigurando quando tocada, minha janela atencional a partir das forças e intensidades agenciadas a cada encontro.

Comecei a pesquisa pelo meio, já que o projeto *Por uma clínica-poética* estava em curso há um ano quando entrei, entendendo que na cartografia há uma processualidade na pesquisa, na medida em que o próprio contexto de intervenção possui uma história anterior e é composto por uma espessura processual, não sendo passível de representação e nem de uma “coleta”, passiva e neutra, de dados. Nesse sentido, começar pelo meio implica, também, que todas as etapas da pesquisa se interconectam, não sendo fechadas e separadas entre si, e que há uma real produção de dados, não apenas uma coleta dos mesmos, partindo-se de uma política cognitiva construtivista, de que o mundo é construído de forma conjunta com a produção do conhecimento (Barros & Kastrup, 2009).

Desta forma, enquanto facilitadora, durante o período de 10/08/2019 a 15/12/2020, participei da construção coletiva dos procedimentos, que se dava a partir dos apetites de cada um e de todos. As discussões para tal fim aconteciam semanalmente com a presença de todos os facilitadores, em um horário predefinido antes do encontro. Ocorriam, também, supervisões em grupo coordenadas pela Prof^a Dr^a Juliana Bom-Tempo, que aconteciam após os encontros e contavam com a coletivização dos afetos sentidos pelos facilitadores durante os encontros.

Além disso, conduzi procedimentos que seriam utilizados durante a experimentação, nos momentos de abrir o corpo e iminência, nos quais comecei a contribuir, de forma esporádica do início até março de 2020, e semanalmente a partir de abril de 2020. Participei, também, do processo de acompanhamento de processos em grupo com a psicóloga Amaranta Krepschi¹⁵.

¹⁵ Amaranta G. Krepschi é psicóloga clínica, escritora e professora universitária, é mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade com a pesquisa “Percurso entre ruas, escritas e modos de subjetivação” sob orientação de Suely Rolnik. Kursou a F.I.A no c.e.m (Lisboa) em 2008 e desde então pesquisa o corpo na clínica e na escrita. Atualmente reside e atende em Araras, interior de São Paulo.

Tais encontros tiveram uma íntima relação com a Análise Institucional¹⁶ e se iniciaram em maio de 2020, semanalmente. Além disso, também pude acompanhar o grupo de estudos mediado pela Prof^a Dr^a Juliana Bom-Tempo, que teve início em agosto de 2020 de forma online e gratuita, aberto a pessoas interessadas independente da formação e região, e no qual estudamos o livro "Anti Édipo" de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010)¹⁷.

O projeto inicialmente acontecia de forma presencial na Sala de Lutas, (bloco - 1W) - Campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), que possui 20 m² e é composta por um tatame de 16 m², dois ventiladores, um armário e duas pias. A partir de março de 2020, tornou-se parceiro do projeto Proteger-se e passou a ser realizado de forma online através da plataforma digital Zoom. Em ambos os formatos, presencial e online, ele acontecia semanalmente, em geral com 3 horas de duração, de forma gratuita e aberta à comunidade, recebendo em média 6 pessoas por encontro, além dos integrantes do projeto.

Para a construção narrativa deste texto, como estratégia de construção de dados, se fez presente a criação de um caderno de anotações. Este, composto por relatos do que se apresentava no campo das forças e dos afetos durante os encontros, reuniões, supervisões, o grupo de estudos e o acompanhamento de processos, bem como trocas constantes entre eu e Marina sobre nossas pesquisas e afecções relacionadas ao processo de pesquisa. Este caderno tinha como função ser uma ferramenta da presente pesquisa, não sendo necessário para todos os facilitadores. Para além disto, durante as reuniões da equipe, fazíamos conjuntamente o arquivamento por escrito dos nossos procedimentos, o que facilitou a utilização dos mesmos nesta investigação.

¹⁶ Segundo Baremlitt (2002), a Análise Institucional faz parte de um Movimento Instituinte no qual tem como objetivo propiciar nos coletivos, a partir de um profissional qualificado, nos coletivos, um processo de autoanálise e autogestão. Assim, esses coletivos são protagonistas de seu processo de análise de problemas e necessidades que advém de seu interior, assim como, da articulação a fim de garantir a sua manutenção e desenvolvimento.

¹⁷ Vale ressaltar que este grupo de estudos ainda está em cursos em fevereiro de 2021 e pretende permanecer durante todo este ano. Eu estou participando no presente momento e este se tornou pré-requisito exigido para toda a equipe da clínica-poética, mesmo estando aberto a demais participantes.

A seleção dos encontros utilizados nesta pesquisa se deu por um critério pessoal, em relação aos encontros que agenciaram e marcaram vividamente meu corpo. Para além deste critério, algumas *clínicas-poéticas* que possuem detalhes de conduções específicas durante a intempérie, utilizei, também, por estarem vívidas e recentes em minha memória, falas, sensações e percepções de outros participantes e facilitadores.

Os relatos das vivências e percepções de participantes e facilitadores durante os encontros da *clínica-poética*, envolveram a autorização por escrito dos mesmos a fim de garantir os aspectos éticos da pesquisa. Assim, anexo o arquivo de declaração de autorização feito para participantes, no qual o anonimato é garantido a partir de um pseudônimo (Anexo 1); e o arquivo de declaração de autorização para facilitadores e acompanhante, no qual se é autorizado a inserção do nome dos mesmos ao longo do texto (Anexo 2).

Para análise dos dados de pesquisa, fez-se uma desmontagem de minha própria experiência, fazendo-se gaguejar as forças de signos instituídas, tanto pelo meu modo de me posicionar, quanto pelo que eu pensava ser possível nos planos da clínica. Assim, a partir da cartografia, utilizei o procedimento da desmontagem, que se constitui como uma aposta ético-política nos modos de narrar experiências, a qual afirma as forças intensivas do coletivo (Passos & Barros, 2009).

Nesse sentido, desmontar implica em aumentar o coeficiente de desterritorialização, fazendo-se “vacilar” as forças e territórios identitários individuais, quebrando equações instituídas. Para além disto, compreende-se, a partir deste procedimento, que casos individuais refletem um índice do que se encontra estabelecido no âmbito coletivo e que há um sentido comum presente nas narrativas de cada sujeito. Portanto, o trabalho a partir desta perspectiva, se preocupa mais em coletivizar e transpor limiares, se abrindo às intensidades do que individualizar questões. (Passos & Barros, 2009).

Analisando as amarrações da jangada

O projeto *Por Uma Clínica-Poética*, o qual me guia neste trabalho, tem como base a perspectiva clínica da esquizoanálise e aposta em recursos e técnicas do campo das artes. Assim, se utiliza da arte da performance, a exemplo de Lygia Clark e Yoko Ono, do contato-improvisação como as proposições de Steve Paxton, técnicas sensório-perceptivas da Educação Somática, como Eutonia e Body-Mind Centuring, bem como fragmentos literários (Bom-Tempo, 2019).

Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010), propõem junto à esquizoanálise uma concepção do desejo ligado ao conceito de máquinas desejantes, entendendo toda articulação, toda conexão entre coisas, situações, corpos, pessoas, sexualidades, trabalhos, modos de relação, etc, como produtores de um inconsciente, não mais individual, mas, antes, um inconsciente maquínico. Segundo esses autores, o inconsciente se constitui enquanto processo de produção, o qual tem por princípio imanente o desejo, fluxo que forma um agenciamento que sempre é coletivo, mesmo quando se constrói uma fantasia de indivíduo. Somos, portanto, *bricoleurs* de pequenas máquinas desejantes produtoras de fluxos, sempre ligadas a outras máquinas que se ligam e cortam fluxos, e os mantêm em um longo processo de produção imersos em outras máquinas. Nesse sentido, tal produção visa “engendrar acoplamentos com o mundo, com os afectos e com os signos para construir passagens aos fluxos e às pulsões” (Bom-Tempo, 2020, p. 16).

Essas máquinas funcionam sempre se desarranjando, gestando, dentro da própria produção maquínica desejante, o que os autores, nas relações com as proposições de Antonin Artaud, conceituam como um corpo sem órgãos (CsO), que desarranja as máquinas desejantes, engendrando, dentro dessa produção, um funcionamento de antiprodução. Há, portanto, um movimento de atração e repulsão entre máquinas desejantes e corpo sem órgãos, gerando estados de intensidade num fluxo sempre paradoxal. O indivíduo, nesse sentido, faz parte de uma grande maquinaria cujo objetivo é fazer o desejo passar, através desses fluxos e de tais

zonas de intensidades. Os sintomas, nesse sentido, são políticos e sociais, pois fazem parte dos desarranjos, vazamentos e linhas de intensidades das máquinas, não sendo passíveis de interpretação, mas de experimentação. Para isso, é preciso a criação de um plano de consistência que seja metaestável e que opere uma variação dos modos de vida, sendo as condições da experiência imanentes ao próprio processo (Deleuze & Guattari, 2010; Bom- Tempo, 2015).

A partir das artes do corpo e utilizando a jangada enquanto um plano de consistência que nos possibilita atravessar o procedimento criado e proposto a cada encontro, trabalhamos com proposições e ferramentas que agenciam nos presentes a manifestação de sintomas em seus corpos, os quais precisam encontrar passagem. Nesse sentido, durante as execuções da *clínica-poética*, os sintomas manifestos no corpo fizeram vazar fluxos de antiprodução, criando desarranjos no funcionamento da máquina capitalística que engata as subjetividades nos ditames do capital. Desarranjar para potencializar uma existência no mundo que seja mais ativa e criativa e não apenas reativa.

No projeto, a partir da questão “Como você está agora?”, os presentes vão nos dando indícios dos fluxos que porventura possam estar bloqueados. Nos interessa mais saber como funciona e agencia um engasgo na garganta, uma sensação de um buraco no peito, cansaço, irritação, aceleração, do que o que significam. Quais fluxos podem estar bloqueados para que este engasgo se manifeste? Assim, trabalhamos com as manifestações verbais e corporais que os participantes nos trazem e são elas que nos dirão como faremos o manejo de cuidado no momento da intempérie, a partir das ferramentas que possuímos.

Para além disto, nossos corpos são acostumados a certas acelerações cotidianas, de forma que se “dê conta” das urgências da vida, trabalhar, fazer compras, estudar, trafegar pela cidade. Tais modulações corporais são engendradas por nosso modo de vida capitalista. Nesse sentido, nosso corpo está condicionado a modos costumeiros e previsíveis de se relacionar com as pessoas, com o espaço, com nosso próprio corpo. Portanto, dentro da *clínica-poética*,

buscamos fazer uma “sabotagem” dos signos previamente estabelecidos do que pode um corpo na relação com o outro. Como nos aponta Bom-Tempo (2015), desestabilizar o funcionamento mecânico e as práticas desintegradas de um fazer, muitas vezes, desimplicado com a vida. Desalojar as funções do corpo, dos objetos e do espaço para convocar uma presença da ordem dos afectos, da não significação, que antecede o significado e a própria linguagem.

Entende-se o sujeito enquanto um coletivo, o que acarreta em movimentar as estruturações que o constituem como indivíduo em si mesmo, a fim de investir na criação e na coletivização que atravessam a individualização de um sujeito; uma proposta em considerar essa produção de um si-mundo na constituição de um grupo sujeito. Para Deleuze e Guattari (2010), isto consiste em investir nas multiplicidades enquanto um fenômeno que é molecular, tendo como via de combate um grupo sujeitado, que apostam forças na repressão, no recalçamento e que geram o sujeito individualizado e apartado das dimensões sociais e políticas de sua existência.

Assim, na *clínica-poética*, há uma aposta na crise, pois ela implica em mexer em toda uma gama de instituições que constituem o sujeito, rasurando os contornos de um corpo organizado. Segundo Pelbart (2013), a crise revela e redistribui as forças em jogo, possibilitando uma reconstrução de novas relações com a vida. Nesse sentido, ela cria uma ruptura na identidade do sujeito, tornando aparente o que até então se mostrava pouco visível.

Outro autor que contribui para a construção da *clínica-poética* é Michel Foucault (2004) ao nos dar pistas para o projeto a partir de sua concepção de cuidado de si e de tecnologia de si, ao retomar na tradição greco-romana, quando as consideravam como práticas difundidas. Segundo ele, a tecnologia de si

[...] permite aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, condutas e modos de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade. (p. 323).

Em Platão, cuidar de si era uma questão que subjazia o princípio délfico “Conhece-te a

ti mesmo” a partir do diálogo e da dúvida como estratégia. No período helênico e imperial, o ocupar-se de si mesmo adquiriu centralidade aos cidadãos que tinham direito à cidade como princípio universal e um serviço para a alma seguido por toda a vida. Assim, ocupavam-se de si mesmos com base na técnica da escrita de cartas; da escuta interior enquanto exame de si e da purificação da consciência, a partir de exercícios mnemônicos; da memorização e lembrança de ensinamentos de professores, a fim de subjetivar uma verdade e construir normas de conduta (Foucault, 2004).

Foucault (2004), também, faz uma análise da relação entre o conhecimento de si e a interdição/renúncia, haja vista que na prática cristã, se reconhecer enquanto praticante da mesma passava por seguir e aceitar rigorosas obrigações e demonstrar o credo. Para os cristãos dos primeiros séculos, reconhecer-se publicamente enquanto cristão estava estritamente relacionado à revelação de si, mas isso enquanto pecador e penitente, comprovando sofrimento, vergonha, humildade e modéstia. Assim, o conhecimento de si era ferramenta essencial para a interiorização de regras e dogmas.

Em contrapartida, por entender os cuidados de si, enquanto recurso de busca da autonomia, afirmação de si, bem como vazamento de fluxos vitais, o projeto *Por Uma Clínica-Poética* aposta nas tecnologias de si como estratégia de cuidado e de construção de modos de vida mais implicados ético-político-esteticamente. Assim, concebe-as como meios, como planos e territórios para a construção de uma clínica que atue diagnosticando e desarranjando as docilizações e as interdições impostas pela cultura individualizante e pela supremacia das forças de constituições de grupos sujeitados em detrimento das forças vinculadas aos grupos sujeitos. Para além disto, os cuidados de si tem intuito de atingir o sujeito individual, entendendo este enquanto um agenciamento de várias instituições, e, também, os coletivos dos quais ele faz parte, na medida em que esses cuidados podem produzir reverberações nos modos de relações consigo e com os outros.

O projeto se guia a partir de um rigor que Suely Rolnik (1993) chama de rigor ético, estético e político. Ético enquanto afirmação do devir outro a partir das diferenças, quando conduzido pelas marcas; estético enquanto possibilidade de criação e incorporação de marcas no próprio pensar; político enquanto enfrentamento das forças adestradoras que obstruem o devir em nós. Segundo Rolnik (2006), a criação se constitui como uma resposta ao que o corpo, sendo pressionado a exteriorizar em forma de expressão, escuta no campo de forças que se estabelecem na realidade. A autora aborda ainda, segundo a concepção de Lygia Clark, que a criação faz surgir outros possíveis e que é nesse processo que se tem uma “verdadeira saúde”.

Suely Rolnik (1993) chamou de marcas os estados inéditos gerados no corpo, os quais demandam a gênese de um novo corpo, com uma nova composição e consistência subjetiva, tais como aqueles que descrevi no início deste texto e que me trouxeram ao projeto. Essas marcas, segundo Rolnik, continuam a se proliferar e fazer vingar novas conexões, assim que encontram ambientes de ressonância, reatualizando esses estados corporais e mantendo vivo seu potencial de proliferação. Uma memória de marcas, não ligada à uma cronologia de fatos, mas a bifurcações no tempo que se abre e é construída no invisível do corpo, engendrando uma abertura ao devir. Rolnik aponta que esse processo apenas se dá porque o pensamento é violentado a pensar pelas marcas instauradas em nosso corpo, o que acontece por constrangimento e acaso.

Essas marcas se instalaram fortemente em meu corpo no encontro do dia 08/10/2019, que aconteceu às 16 horas de forma presencial na Sala de Lutas (UFU) e no qual estiveram presentes seis facilitadores e seis participantes. Nesse encontro, após termos feito o pacto e o acolhimento de todos os presentes, o procedimento consistiu inicialmente em conduzir os participantes a marcarem com os olhos um ponto no espaço e então caminhar até ele. Esse movimento se repetiu algumas vezes, até marcarem o ponto de um “guarda-vidas”: objeto assim denominado pelo grupo, localizado no centro do espaço, que consistia em um guarda-chuva

preto aberto. Tal objeto fora encontrado na área externa da sala e levado para compor o trabalho, sendo colocados ovos em seu interior. Foi solicitado que cada um caminhasse até ele e pegasse um ovo para si.

Com o ovo na mão, foi proposto uma caminhada em alta velocidade, movimento que precisou ser cuidadoso e por isso, agenciou um tônus específico no corpo dos presentes, pois estava-se ali com um ovo - um corpo frágil que, se em choque com outra pessoa, viria a se quebrar. A jangada, que estávamos a construir naquele encontro necessitava de tal consistência, todos foram precisos em seus movimentos e os ovos se mantiveram intactos.

Então, foi proposto que todos parassem onde estivessem e se deitassem segurando o ovo no centro do corpo (ou ponto conhecido como *hara*¹⁸) com os olhos fechados e então, alguns facilitadores foram colocando óleo de coco e uma pedra sobre o osso esterno na direção do timo¹⁹ de cada participante. Depois, ainda deitados e com os olhos fechados, foi pedido que levantássemos os braços com o ovo nas mãos, movimento que gera uma contração dos músculos dos braços. Então, os facilitadores retiraram as pedras de todos e pediram para que descessem os braços e virassem para o lado direito em posição fetal.

Então, foi pedido que, já com os olhos abertos, se levantassem no tempo de cada um com o ovo na mão, buscando se equilibrar de pé, até começar a caminhar novamente. Nessa caminhada, foi proposto que cada um ali negociasse uma aproximação com um dos presentes, encontro esse que se deu pelo olhar de ambos em conexão, formando duplas. Juntos, foi pedido que ficassem de costas um para o outro, de modo que elas se tocassem e, flexionando os joelhos, fizessem forças contrárias de modo que se sustentassem através dos corpos juntos, depois,

¹⁸ Segundo Lowen (1983), propositos da Análise Bioenergética, o *hara*, centro do corpo, posiciona-se a três dedos abaixo do umbigo, sendo este lugar no abdômen, a região do corpo em que reservamos sensações e energias sexuais, bem como emoções. Acumulamos nessa região, portanto, a tristeza e o choro contidos, quando queremos controlá-los, a partir da contração do abdômen. Este também é um ponto muito importante para o trabalho e a movimentação da arte marcial Aikido, uma referência importante ao trabalho da *clínica-poética*.

¹⁹ Pequena glândula situada na região do tórax, entre o osso esterno e o coração, que é importante na resposta imunológica do corpo, por ser responsável pela produção de linfócitos T, sendo que, a hiperplasia típica, doença que acomete a região, pode ter associação com doenças autoimunes como a artrite reumatóide (Fausto et al., 2004).

colocassem o ovo na boca, equilibrando os corpos na dupla e o ovo na boca. Colocar um ovo na boca necessita de uma precisão necessária para controlar os músculos da face e a necessidade de deglutir a saliva, em face a esse objeto que impede a boca de fazer seu movimento cotidiano de se fechar, pois se o fizer, o ovo pode ser quebrado.

Diante dessa abertura dos corpos, um texto poético foi lido e foi proposto que as duplas caminhassem juntas do modo como estavam, até a parte externa da Sala de Lutas (local com terra, árvores e gramado), onde foi colocado o guarda-vidas. Processo esse que foi lento e possuía uma dramaticidade e uma poesia, pois necessitava de uma precisão para realizar os movimentos. Então, todos, ainda com os ovos na boca, separaram-se das duplas e pararam diante do guarda-vidas, segurando-o todos com as mãos. Foi proposto que cada um soltasse o ovo da boca no guarda-vidas no tempo que fosse necessário, liberando os músculos da face.

Ver o ovo se rolando e se quebrando, ou não, foi um processo que parecia fazer o tempo dilatar. Debaixo do guarda-vidas, que, sem que percebêssemos de início, estava com um pequeno furo onde os ovos caíam, estava posicionado uma vasilha grande com água e pétalas de rosas e, como alguns ovos se quebraram, gemas e claras começaram a gotejar sobre a vasilha, o que foi interessante e inesperado.

Depois que todos se despediram de seus ovos, continuamos segurando o guarda-vidas, mas começamos a olhar, um por um, por debaixo do mesmo, para o conteúdo da vasilha através de um caleidoscópio, aparelho óptico que, através do reflexo da luz e pequenos espelhos inclinados, projetam, a depender do movimento, diferentes combinações da imagem posicionada à sua frente, o que foi uma linda construção estética. Então, após todos fazerem esta operação, jogamos, juntos e com cuidado, os ovos que estavam no guarda-vidas na terra e, muitos deles, ainda que com pequenas fraturas, estavam praticamente inteiros. Ficamos um tempo ali, olhando para eles, e foi proposto que cada um, se quisesse, amassasse um ovo, tal como mostra na figura 2, o que aconteceu até que o último fosse amassado. Enterramos os ovos

ali na terra e, com esses resquícios de ovos em nossos pés, propusemos que todos os limpassem com um sabão que foi disponibilizado, junto de uma torneira próxima do local.



Figura 2: Ovos in fratura. Local: Area Externa Salas de Lutas - UFU Santa Mônica Data: 08/10/2019

Fonte: foto de Juliana Bom-Tempo, Uberlândia- MG, 2019

A água da vasilha, que até então, também tinha resquícios de ovos, foi lavada, trocada e foram colocadas nela algumas conchas, ervas, pétalas e folhas. Então, foi proposto que fizéssemos uma fila, na qual cuidássemos dos pés uns dos outros, os esfregando e massageando com as folhas, as conchas, as ervas e as pétalas, como um lava pés. Assim, a pessoa que já estava com os pés limpos, iniciava a fila de cuidados com os próprios pés e depois os pés da pessoa à sua esquerda, que, após ser cuidada, cuidava da pessoa que estava ao seu lado, e assim sucessivamente.

As modulações do corpo propostas nesse encontro movimentaram, a partir de uma construção ética, estética e política do procedimento, um cuidado de si, que se deu, também, enquanto se cuidava dos pés dos outros e das relações com os ovos, em um movimento coletivo

de cuidado. Tal operação se tornou evidente quando uma participante pareceu não se sentir à vontade na experimentação do ovo na boca, em uma relação de distanciamento com a proposta. Ela possuía autonomia para não realizar esta parte do procedimento, ainda assim, uma das facilitadoras presentes no encontro sugeriu que ela o fizesse até onde conseguisse, numa proposta de enfrentar os signos até então estabelecidos do que seria possível no acoplamento entre os corpos participante-ovo. A participante então aceita a proposta, até onde conseguiu lidar com o agenciamento de forças entre aqueles corpos.

Naquele encontro, ainda que presente no invisível de nossos corpos, a tensão de forças gerada pelo grupo com a proposta final de que amassássemos os ovos na terra se explicitou. Tal tensão teve como insígnias a sujeira-asco como um tipo de estética e política dos corpos já estabelecidos no campo social, o qual tem culturalmente a higienização do homem civilizado como pressuposto de existência. Havia uma dramaturgia do encontro na velocidade com que o ovo se deslizava da boca de cada participante, acompanhado da baba que escorria, também, em um ritmo próprio. Era evidente microtensões entre os músculos, as fâscias, os dentes, a saliva, o ovo, a língua, a pele, a boca, os olhares de todos ali presentes, na busca por construir uma passagem. Nesse sentido, a criação de novos signos nos modos de se olhar, de manusear e de fraturar um ovo e uma boca teve como premissa a problematização das palavras de ordem já estabelecidas, buscando a criação de outros sentidos na relação entre tais estados de corpos.

Entende-se, a partir de Deleuze (2002), que um ovo, assim como outros objetos cotidianos, são corpos. Nesse sentido, devem ser analisados por sua capacidade de afetar outros corpos e ser afetado, também, assim como pela velocidade de suas partículas. Esta leitura concebe uma sensibilidade aos objetos cotidianos enquanto potencializadores da ativação de uma potência em nós ao serem desarranjados do que já está estabelecido culturalmente e sensorialmente nas relações entre peles, músculos, olhares, cheiros, rosto, boca, saliva, casca, texturas, gema, clara, chão, terra, pés.

A partir da literatura, Clarice Lispector (1998, p. 50) no conto “O ovo e a galinha” do livro “Felicidade Clandestina”, já nos dava indícios desse olhar outro para os objetos cotidianos:

“O ovo é uma coisa suspensa. Nunca pousou. Quando pousa, não foi ele quem pousou. Foi uma coisa que ficou embaixo do ovo. – Olho o ovo na cozinha com atenção superficial para não quebrá-lo. Tomo o maior cuidado de não entendê-lo. Sendo impossível entendê-lo, sei que se eu o entender é porque estou errando. Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo. – Jamais pensar no ovo é um modo de tê-lo visto. – Será que sei do ovo? É quase certo que sei. Assim: existo, logo sei. – O que eu não sei do ovo é o que realmente importa. O que eu não sei do ovo me dá o ovo propriamente dito. – A Lua é habitada por ovos.”

Lygia Clark chama o ovo, assim como outros objetos de *objetos relacionais*. Segundo ela, esses objetos não têm um sentido preestabelecido, pois são necessariamente relacionais, sendo que seu sentido está na relação com o outro e não em si mesmos (Torralba, 2014). Segundo ela, esses objetos podem ocasionar mudanças subjetivas, porque tocam na *fantasmática do corpo*, marcas imprimidas em nosso corpo por traumas. Essas mudanças ocorrem, pois fazem escorrer essas marcas, produzindo sentidos outros de si e do mundo. Há, portanto, uma comunicação que se dá de forma inconsciente, mediada por objetos e que impelem o corpo a se abrir às intensidades do mundo (Torralba, 2014).

Nesse sentido, tal abertura nos permite apostar na variação de modos de ser e estar no mundo de cada participante presente no encontro, a partir das marcas que esses encontros vão imprimindo em seus corpos, mediados por tais objetos. O que sabemos do ovo? O ovo cozido que nos alimenta é apenas uma das possibilidades de relação que podemos construir, pautada na utilidade. Quando utilizamos este corpo enquanto um mecanismo de vazamento de fluxos, o fazemos enquanto um dispêndio inútil de produção de devires. Como já dito, o sentido daquele objeto se faz nas microtensões entre músculos, fâscias, dentes, saliva, gema, clara, casca, língua, pele, boca, silêncios, respirações, toques, baba, sujeira, sons, cheiros, olhares. É no encontro que tal relação se estabelece e os signos entram em variação.

Como afirma Suely Rolnik (2006, p.2), “Com a ajuda de seus objetos, Lygia ia preenchendo buracos, fechando fissuras, repondo partes ausentes, soldando articulações

desconectadas, escorando pontos sem sustentação – fazendo enfim o que pedisse o corpo de seu cliente, a cada instante do processo”, e ainda completa que, a sequência e o uso dos objetos, é que orientavam Lygia em sua escolha dos mesmos. Nesse sentido, na *clínica-poética* já foram utilizados recursos como massagem no corpo, saco d’água sobre um ponto de dor, relaxamento, meditação, o uso de pedras para o cuidado de si para com os presentes, a fim de abrir as sensibilidades e permitir o vazamento de fluxos, ovos, guarda-vidas, linhas, folhas secas, etc.

Assim, os objetos relacionais constituem ferramenta essencial para a *clínica-poética*, os quais são decididos e negociados em um momento de preparação do procedimento entre os integrantes da equipe, a partir do que cada facilitador possui enquanto apetite no momento. No modo online, entendendo que vivemos uma situação atípica e que a tecnologia audiovisual nos impele a buscar outras formas de organização, algo foi acrescentado em nossas reuniões de facilitadores: fazemos um diagnóstico de nosso corpo no dia do encontro, analisando suas intensidades, forças e vontades; suas fragilidades, suas fraquezas e suas desistências. Em conjunto, alinhamos tudo em um procedimento construído coletivamente. No momento posterior ao encontro e à execução daquele procedimento, nós, enquanto facilitadores, fazemos uma supervisão para analisar as linhas de força e de decomposição presentes no encontro, a partir de um olhar intensivo dos afetos.

No início, naveguei carregando inseguranças por estar na equipe, também, ligadas ao medo de não conseguir cuidar, em um processo de ouvir mais a razão lógica e linear do que a intuição, método clínico utilizado no projeto. Não me arriscava tanto em proposições junto aos procedimentos, nem na construção destes, sendo que apesar de presente nos encontros, me colocava mais ativa na parte técnica, como a inscrição dos participantes, organização dos materiais e espaço e manutenção das mídias sociais do projeto. Não havia rigidez na condução dos procedimentos, não tendo que se seguir fielmente um script e, ainda assim, havia, da minha parte, um receio em compor voz com o grupo, o que acredito advir principalmente da forma

como nosso sistema de ensino é construída, em atravessamentos escolares pautados na hierarquia de vozes na relação professor- pesquisador-aluno.

Porém, ainda via o modo de funcionamento do grupo, a partir da transversalidade com certo estranhamento, não conseguindo expor minha voz. Para além disso, procurava recursos para o cuidado, sem entender que não se tratava de uma busca, um esforço, mas de um se deixar afetar pela experiência em uma receptiva-atividade. Nesse sentido, se deixar estranhar e ser guiado pelas marcas instauradas no corpo, a partir das diferenças. São as marcas, portanto, que fazem a construção de novos modos de ver e sentir o mundo, apostando em rupturas. Segundo Rolnik (1993), por vezes nos perdemos desse rigor ético, estético e político, o que acontece quando não conseguimos lidar com o estranhamento produzido pelas marcas. Ficamos, portanto, em um jogo obsessivo com a lógica e, por exemplo, no trabalho de escrita, escrevemos textos sem muito brilho e potência.

Nesse início, arrisquei conduzir e os processos de condução que guiei me fizeram experimentar meu corpo e minha voz como condutor da jangada. A intensidade do meu corpo no dia afetava a forma como minha voz chegava aos presentes, acelerando suas partículas ou lentificando-as, gerando diferentes intensidades e dimensões no encontro. Assim, guiar processos me permitiu conectar-me com os presentes, acessando suas vivências interiores pela expressão que seus corpos geravam, a partir dos comandos propostos. Dava para se ter uma visão geral dos presentes e vê-los se conectando entre si em coletivo, seja presencialmente com as conexões entre os corpos, objetos e espaço, e mesmo que por meio das janelas virtuais e das imagens, formando uma grande experiência estética.

Nos momentos em que não conduzia uma das etapas, recebia o trabalho conduzido por outro facilitador. Porém, por vezes, as inseguranças com o processo e o fato de estar conduzindo conjuntamente me impediam de ser afetada pelo que era proposto. Colocava-me em alerta, pois ocupava um lugar enquanto parte da equipe e precisava estar pronta a retomar caso houvesse a

necessidade de algum manejo clínico, isso me impedia de experienciar o caos da experimentação, criando uma distância prudente com a proposta.

Ao longo do percurso desta navegação, minhas inseguranças foram me ensinando que não interessa para um trabalho desta ordem, a racionalização do processo. São os afectos que nos guiam para uma potência afirmativa no trabalho clínico e nos caminhos pelo mundo. A consciência só nos traz uma ilusão das coisas. À nós, cabe ouvir as marcas que agenciam nossos corpos e nos movimentar a partir delas, se permitindo se estranhar por elas e deixar que elas atuem sobre nós.

Nesse sentido, minha jangada por vezes permaneceu rígida, fazendo esta navegação variar por entre as águas. Porém, a construção de uma consistência adequada para o transporte foi sendo delineada ao longo do processo. A produção deste texto, portanto, se deu a partir daquilo que as marcas agenciaram meu corpo e me incitaram na condução desta pesquisa. Essas marcas funcionam desarranjando o corpo, na medida em que causam um desassossego no seu *modus operandi*, porém, por vezes nos colocamos indisponíveis para lidar com esse estranhamento gerado pelas marcas. Essa indisponibilidade nesta pesquisa, se manifesta na busca pela lógica e racionalização dos processos como forma de estar nos encontros e na escrita, movimento esse o qual não nos interessa. Por isso, há um trabalho do corpo em buscar uma consistência que fosse interessante para a construção da pesquisa, nem flexível demais, nem tão rígida que impedisse a passagem de fluxos.

Fui percebendo a importância da *clínica-poética* enquanto um coletivo que sustenta uma resistência, entendendo as artes enquanto um acontecimento capaz de fazer os signos entrarem em variação, em uma aposta ética, estética e política dos encontros, criando passagens aos fluxos. É diante dos cheiros, dos sons, das respirações, da baba, da clara do ovo que escorre, da terra, dos olhares que se demoram, da variação de velocidades no modo de se locomover que temos produção de novos sentidos no modo de perceber e sentir o mundo. Variar o modo

ordinário de se locomover, estar no espaço urbano, no trânsito de pessoas na rua para então produzir outros possíveis que tenham a criação enquanto impulso vital.

Navegando em um porvir

Em março de 2020, o mundo se deparou com uma crise sanitária, a pandemia do novo coronavírus. No Brasil estávamos diante de um estado suicidário, como descreve Vladimir Safatle (2020), a partir de sua indignação com um estado que banalizava o risco do vírus em uma lógica neoliberal. Assim, em desacordo com as orientações da Organização Mundial da Saúde (ONU), nossos governantes defendiam uma política de morte através do isolamento vertical, direcionado apenas a pessoas que estão em grupos de risco, como idosos, obesos, diabéticos, enquanto serviços não essenciais continuam funcionando, em prol da justificativa de uma crise econômica.

Nesse sentido, o Sistema Único de Saúde (SUS) se via ameaçado e, segundo a Fiocruz (2020), há a estimativa de que, em uma situação de pandemia, de um terço à metade da população possa vir a ter algum sintoma psicopatológico, caso não tenha uma intervenção específica. Assim, com a suspensão das atividades presenciais na UFU em decorrência da pandemia, fomos implicados a continuar nossa prática de cuidado juntamente com o projeto Proteger-se, necessitando nos movimentar a partir da tecnologia audiovisual.

Porém, como conduzir um trabalho com o corpo, implicado no cuidado ao outro, tendo a crise como vazamento de fluxos? Como convocar uma presença virtual? Quais afetos são capazes o corpo no virtual? Entendendo que antes da pandemia vivíamos uma espécie de crise de presença, um estado de ausência onde a promessa de um amanhã que virá gera uma recusa ao que é instável da vida e uma consequente gestão dos desejos (Bom-Tempo, 2019). Como perdemos o corpo tendo o corpo?

Não cabe aqui responder tal provocação, entendendo que se trata de um processo histórico de captura dos corpos. Regina Favre (2010) nos aponta para o papel do capitalismo nesse processo de gestão da vida e dos corpos. Ela afirma que, com o desenvolvimento do capitalismo industrial, a modulação dos corpos produziu um modo de vida consumista e

produtivista. Uma cultura na qual a produção de produtos obsoletos faz com que serviços e experiências precisem ser consumidos. Algumas empresas adquiriram papel fundamental nesta operação, como os bancos, através do desenvolvimento de novas formas de crédito fácil, e o cinema, no qual o estilo de vida americano se tornou o protótipo de vida a ser seguido, assim como a criação das estrelas de cinema, o padrão de beleza idealizado.

Guattari (2016) explicita que houve uma adaptação da forma como o fascismo se manifesta no capitalismo contemporâneo, a partir da transformação das relações de produção e forças produtivas. Assim, a produção do sujeito produtor-consumidor é uma estrutura que melhor se adapta a esta realidade, sendo que o fascismo se manifesta de forma molecularizada e desterritorializada. Assim, a molecularização do ser humano no espaço de trabalho, no qual não mais se tem um indivíduo, mas um conjunto de órgãos, fez com que o desejo fosse simultaneamente captado e molecularizado em instituições como família, religião, escola, o que pode implicar na liberação de fluxos de desejos ainda maiores. O estado, portanto, produz esse sujeito produtor-consumidor desde a infância como forma de controle dos nossos corpos, um controle que se dá no entre das nossas relações, ainda que não seja perceptível.

Desta forma, o fascismo se manifesta nas linhas duras das nossas relações. Máquinas desejanter que se movimentam no mundo por uma ótica do enrijecimento do corpo e não da criação. Há também no fascismo, um corpo sem órgãos que desterritorializa o corpo, mas em direção à uma alienação de si no mundo, a partir do desmembramento de seus órgãos. Esse fascismo se constitui e se prolifera a partir de palavras de ordem relacionadas ao modo como percebemos e sentimos o mundo - boca para comer, pés para andar, mãos para comprar- as quais se manifestam no invisível das nossas relações.

A desterritorialização que nos interessa na *clínica-poética* se direciona à uma rasura desse corpo organizado com funções pré-definidas, criando pequenos vazamentos para fazer os fluxos encontrarem passagem. Nesse sentido, potencializar o corpo em sua capacidade de se

movimentar no mundo, a partir da produção e criação da existência, em oposição ao movimento passivo de aceitação da norma vigente. Criar, portanto, outros possíveis utilizando as artes do corpo para a construção de um plano metaestável que atue na produção de certa corporeidade e certa presença.

Nesse sentido, Lazzarato (2010) disserta sobre a produção de duas modalidades de produção e exploração da subjetividade no capitalismo contemporâneo, a sujeição social e a servidão maquínica. A sujeição se constitui como a produção de um ser individuado, com personalidade própria e que possui um lugar e papéis sociais, através de uma profissão específica, um sexo, uma identidade. Em contrapartida, a servidão produz o sujeito enquanto peça de uma grande máquina, nada mais do que uma engrenagem adjacente a ela, sendo que elementos humanos e não humanos se compõem, sendo as capacidades cognitivas componentes do processo, modulando-as para as necessidades da máquina. Desta forma, há no capitalismo um duplo cinismo, ao nos alienar enquanto sujeitos e nos desumanizar enquanto peças.

A busca por uma ética, estética e política dos encontros se dá justamente em um movimento de contraposição a esta forma de exploração das subjetividades. Apostar nas multiplicidades de cada corpo, entendendo as suas diferenças, agenciadas pelas marcas no coletivo, enquanto potências para a dissolução da fantasia de indivíduo. Uma aposta para que não sejamos totalmente reféns de uma lógica externa, mas conduzidos pelas marcas que nos agenciam. Somos peças desta grande máquina capitalista, mas como fazer vazar outros fluxos possíveis?

Em “A metamorfose”, Franz Kafka (2012) foi incisivo e categórico ao demonstrar, a partir da literatura, como as relações de trabalho modernas são duras e cruéis, quando Gregor Samsa acorda pela manhã no corpo de um grande inseto e por isso se isenta do trabalho. Nessa circunstância, ainda que Samsa fosse um trabalhador assíduo, seu patrão visita sua casa para averiguar o motivo de sua ausência. Linhas duras que apostam em um tipo de ética, estética e

política dos encontros a partir do enrijecimento dos corpos e das relações. A maçã, cravada no corpo de Samsa por seu pai após a metamorfose e que o leva à morte, mostra o desfecho de um corpo que, para além de diferir da norma, parece insustentável para essa sociedade de consumo e produção. O corpo a que interessa o capitalismo é o corpo útil. Portanto, como fazer metamorfosear esse corpo e seus modos de relação?

Tal metamorfose se torna ainda mais urgente diante uma situação pandêmica. Isto, considerando que uma pandemia afeta no que há de mais caro a nós, empresários de si: o amanhã, pois não há como controlar o amanhã quando o mundo precisa parar e o domínio sobre a morte se torna mais instável que nunca. Amanhã esse que já se via ameaçado de extinção com o desmatamento das nossas matas, a destruição dos nossos rios, o desmantelamento de nossas políticas públicas, o racismo, transfobia, misoginia, dentre outras formas de opressão. A pandemia, porém, escancara um amanhã que há muito se via ameaçado pela irresponsabilidade e insensibilidade de nossas próprias mãos.

Como não nos tornar apáticos ao crescente número de mortes, às queimadas de nossas matas, à irresponsabilidade do modo de gestão do governo, se existe uma política de modulação dos nossos corpos que nos impele à apatia? Se torna urgente, portanto, pensar em como temos afirmado a existência, buscando recursos que alimentem a nossa capacidade corpórea de afecção.

A clínica-poética, diante da pandemia, funcionou como uma ferramenta que poderia modular uma potência afirmativa nos presentes. Potência esta ligada a aumentar a capacidade de afetação aos acontecimentos do mundo. Não nos interessa portanto, um amanhã onde o fascismo impera nas relações e serve apenas ao consumo. Nos interessa, porém, um amanhã onde de fato exista uma intervenção nos afetos, uma micropolítica do desejo, o que segundo Guattari (2016) implica em questionar os movimentos de massa que pressupõem indivíduos serializados.

Nesse sentido, quais corpos eram esses que iríamos receber no projeto *Por Uma Clínica-Poética*? Como estar só e ainda estar com o outro? Apesar dos receios, mergulhamos em conjunto nas possibilidades para que esse projeto acontecesse, buscando a melhor forma de garantir o cuidado com os participantes. Uma empreitada até então arriscada, perigosa, mas possível. O espaço virtual funcionaria como um espaço de re-inscrição do corpo, convocando uma presença virtual, implicada e conectada.

Nesse sentido, foi interessante ver esse trabalho sendo possível de forma online e ver as pessoas confiando nas propostas. Precisamos negociar entre nós o que era indispensável e o que poderia ser deixado de lado. Como poderíamos fazer o manejo e o acompanhamento de uma crise com objetos cotidianos? Fomos percebendo o quão veículo de passagem poderia ser um cobertor, um objeto especial para cada um ali, uma voz que funcionasse como barqueiro, para a condução e o acompanhamento de uma crise caso ela viesse.

A potência das tecnologias de si no modo virtual foi se mostrando ao possibilitar aos participantes ferramentas para o cuidado de si mesmos, com objetos cotidianos que possuíam em casa. Durante os encontros, a potência desses cuidados se mostrava ainda que de modo virtual, com presenças conectadas em coletivo. Fomos percebendo também, que o contato online minimizava as distâncias geográficas, Ituiutaba/MG e Boa Vista/RR foram lugares que se fizeram presentes nos encontros a partir de corpos presentes nesses espaços virtuais. Os afetos atravessavam rios e mares e chegavam até cada um de nós.

Precisamos alterar nossa organização interna para ter mais precisão com os procedimentos, então ficamos mais sistemáticos quanto à estrutura e em contrapartida mais sensíveis uns com os outros através de um diagnóstico de forças e intensidades. Areladas a isso, as nossas supervisões coordenadas se tornaram mais consistentes do que no modo presencial, posto que abordavam mais sobre o processo do encontro como um todo. Trocávamos percepções sobre o modo de condução dos procedimentos de cada facilitador,

entendendo a necessidade de haver uma precisão na fala, a fim de que se crie um plano metaestável, a partir da perspectiva da intuição como método. Trocávamos, também, afetos acerca do modo de operação dos participantes e de nós mesmos durante o encontro e o quanto as intervenções podem ter atuado potencializando-nos. No modo presencial, pelo tempo em que estive presente, esse processo de análise intergrupar se dava de forma mais superficial devido à outras urgências do grupo.

Muito me marcou o encontro do dia 06/10/20, que aconteceu de forma online às 16:30. Nesse dia, o tempo estava quente, numa semana em que a temperatura estava em alerta vermelho, 5°C acima da média por mais de 5 dias. Isto pois, de janeiro até 03 de outubro de 2020, 3.977.000 de hectares do Pantanal haviam sido queimados, o que equivale a 26% do bioma natural (Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais [LASA] - UFRJ, 2020). Ele ainda queimava, tendo altos índices de queimadas nos períodos de julho a outubro e os efeitos da sua devastação chegavam até nós, no Triângulo Mineiro.

O tempo estava cinza, quente, sufocante, difícil de respirar, sendo que era possível ver fuligem no ar, e ainda tinha um vírus, que igualmente ameaçava os pulmões. Precisávamos de água. Então montamos um procedimento a partir da proposição de devir-água, utilizando como materiais um balde com água e um traveseiro. Nesse encontro, estavam presentes 6 integrantes da equipe e 3 participantes e em nossa conversa inicial percebia-se um ritmo predominantemente lento, com falas que descreviam, por exemplo, cansaço, irritação, ansiedade, a sensação de um buraco no peito entre os presentes.

Iniciamos o procedimento aquecendo o corpo com uma corrida no deserto, no qual começávamos a andar no lugar, percorrendo esse deserto à procura de algo, até que avistávamos um lago e então caminhávamos mais rápido para chegar até ele, o que despertava uma sede em nossa boca e por isso corríamos cada vez mais para alcançar a água. Então, avistávamos uma pessoa querida, corríamos mais, até perceber que era tudo uma miragem. Cansados, íamos

lentificando os passos nos entregando ao chão de joelhos. Necessidade de água.

Diante de nós, estava o balde com água e então fomos convocados a sentir o toque e densidade desse líquido, o deixando escorrer por nosso corpo, até que esse toque produzia um movimento e convocava uma dança. Naquele momento respirei. A água cuidou da seca que até então habitava o ar. Os corpos foram então escorrendo pelo chão, se deitando e foram guiados a um “mergulho no mar”, uma visualização dentro d’água. Fomos nos tornando parte de um cardume, viajando pelas aberturas desse lugar tão vasto, diverso, e sentindo a densidade da água bem junto de nossa pele.

Depois, voltando a atenção ao corpo, nos deitamos em posição fetal e abraçamos o travesseiro, sentindo-o em nossa pele e acordando os sentidos. Nos levantamos e novamente demos vazão a uma dança abraçada com esse objeto, em um acoplamento de forças e intensidades ao som de “Preciso me encontrar” e “O mundo é um moinho” de Cartola. Então um convite, uma provocação: que pudéssemos levar esses sons conosco para o chuveiro, deixando que a água lavasse nosso corpo com as reverberações que o procedimento havia convocado e que o devir-água fluísse, convocando uma presença. Foi dado um tempo para que cada participante realizasse o procedimento em seu espaço e depois voltamos para a tela para a intempérie.

O que pode um corpo em estado caótico? Nesse encontro em especial, estava triste, com raiva e ainda assim decidi ir e entender o que podia esse corpo no encontro com o outro e mais do que isso, propus a condução de algo que, até então, me era inexplorado, a experiência dentro d’água, conduzida pela visualização. Na intempérie, uma participante, que chamarei aqui de Gisele, muito mobilizada com o encontro disse que enquanto dançava com o travesseiro, acessou algo que não gostaria de ter acessado, que sentia a densidade da água, mas que ela não tinha consistência e que a água não a havia ajudado. Então Giovanna Paula²⁰, uma facilitadora,

²⁰ Giovanna Paula Menezes é Acompanhante Terapêutica e Psicóloga; Mestranda em Psicologia na Universidade

entendeu que havia ali uma dupla dinâmica entre o que essa participante sentia e o que outra facilitadora, Isabela Giorgiano²¹ estava sentindo, pois inicialmente havia dito sentir um buraco no peito. Assim, Giovanna fez uma intervenção muito precisa pedindo que Isabela pegasse o seu travesseiro, entendendo que depois elas dariam conta do que iria acontecer, e o destruísse com uma faca ou tesoura, e depois colocasse os pedaços sobre seu peito.

Ela aceitou a proposta e ali surgiu um acontecimento que pedia a convocação de um novo corpo. Corpo-selvagem, corpo-caótico, corpo-fúria. Gisele chorava sem parar diante da cena, algo da ordem dos afectos, do inominável, havia sido agenciado nela. Ela disse depois, em uma escrita livre, que de início sentiu como se a faca estivesse dentro dela. Cuidar do outro é cuidar de si: eu, que também não estava bem há algum tempo e por vezes com uma vontade iminente de me machucar, senti algo muito forte na cena de violência de Isabela com seu travesseiro.

Isabela, que deferia o ato, foi se cansando com a intervenção, se deixando escorrer por sobre os destroços. Assim como a participante, estava em outro estado corporal e perceptivo depois da destruição, o estado de presença de seus corpos estava diferente do ordinário diante das sensações corporais e sensoriais da ordem dos afectos que haviam sido agenciados. Uma presença implicada com o que sentia em seu peito, mais afetada e agenciada pelo coletivo, o que era perceptível através do método da intuição. Como esse buraco se agencia nos seus modos de relação? Sem tantas palavras para descrever o que sentia, ela disse, dentre outras coisas, que o travesseiro era muito bom e que os pedacinhos ainda conservavam esse estado. Gisele

Federal de Uberlândia; Componente do projeto Por uma clínica-poética; Curiosa e estudiosa das artes, dos corpos e das filosofias.

²¹ Isabela Giorgiano é mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFU e graduada em Arquitetura e Urbanismo pela mesma instituição. É integrante do projeto de extensão e pesquisa-intervenção “Por uma Clínica-Poética”, do grupo artístico Substantivo Coletivo, do Núcleo de Pesquisa em Improvisação em Dança (NEID), do Comuns- Grupo de Estudos (CUAL- Comuns Urbanos na América Latina), da Companhia de Tango Arrabal, e da Brigada de Arquitetos do MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto) de Uberlândia. Tem interesse nas relações entre o corpo e o espaço construído, no improvisado em dança, em processos projetuais participativos que envolvam técnicas corporais, e na bioconstrução. Tendo como foco do seu mestrado as relações entre o corpo e o fazer projetual em arquitetura, urbanismo e paisagismo, investigando o trabalho de Lawrence e Anna Halprin.

agradeceu a ela a intervenção e essa fala, como se ainda houvesse pedacinhos do que a machucou ali e tudo bem, também. Depois, Isabela pediu a ela que, se fosse possível, mergulhasse seu travesseiro no balde, deixando toda a água vazar. Ela aceitou a proposta, depois escreveu que nesse momento, sentiu a água pela primeira vez, o que foi um alívio.

Gisele chegou ao encontro dizendo estar ansiosa, o que pressupunha um corpo acelerado, e saiu triste, sendo que o encontro produziu uma desaceleração e desconforto, alterando as suas intensidades, afirmando estar mobilizada e em outro estado, triste. Afetada pela cena, pela água, pelo que acessou. Seu corpo, portanto, estava mais próximo de uma potência de agir no mundo, com maior capacidade de afetação. Deleuze (2002), a partir de Espinoza, aborda tal movimento enquanto a ética das paixões alegres, produzidas quando se tem encontros que somam aos corpos, aumentando sua potência. Tal ética, não se relaciona à alegria em si, mas um modo afirmativo de se movimentar, o qual pode inclusive incluir a tristeza.

Segundo Deleuze (2002), as paixões alegres são uma denúncia às paixões tristes, um modo de gestão das massas pelo tirano. Para ele, o tirano se interessa pela tristeza para que possa triunfar, gerando o homem ressentido. As paixões tristes, portanto, compreende um modo de estar no mundo, gestado pela tristeza, o ódio, a piedade, a zombaria, a vergonha, dentre outros que nos impedem de nos movimentar no mundo a partir dos afectos, mas se resignar.

Eu que cheguei ao encontro dizendo estar um caos, toda bagunçada, também, fiquei muito afetada com o encontro e em outro estado. Um estado mobilizado, afetado, marcado por estados corpóreos ainda não vistos até aquele momento naquele encontro. Então, Giovanna me propôs que mergulhasse o rosto em um balde com água e prendesse a respiração até não conseguir mais. Naquele momento eu o fazia com violência e sem cessar, com um fluxo muito forte que estava precisando criar vazão, então repetia o processo sem que me pedissem, sem conseguir levantar a cabeça, até que me foi proposto levantar a cabeça, olhar meu rosto na tela

e repetir os três verbos musculares do projeto: 1. Se entregar não é se abandonar; 2. Você tem autonomia no trabalho e é especialista em você mesmo; 3. Cuidar do outro é cuidar de si, não tem diferença.

Em outro momento, no encontro daquela semana com Amaranta, conversamos sobre o corpo enquanto uma placa de prata em que as forças atravessam, que permite que os fluxos entrem ou passem. Esta placa possui uma consistência tal que reflete e imprime a luz, como uma máquina fotográfica, mas não retém os líquidos, deixando-os passar por sobre a sua superfície. O que pode esse corpo caótico? Giovanna e Isabela relataram a potência da minha voz enquanto conduzia a visualização dentro d'água, que a fizeram mergulhar fundo durante o trabalho, sendo que Isabela afirmou que sentiu dificuldades de voltar de tão fundo que foi, que, estando deitada com as mãos voltadas para cima, sentiu como se os dedos de suas mãos tocassem uma mão na outra ainda que não o estivessem.

Segundo Deleuze (2002), o interior significa um exterior que foi selecionado a partir dos modos de relação, que quando permitem compor em conjunto, produzem uma potência maior. Os fluxos encontraram passagem na violência desferida sobre o travesseiro e nas águas que mergulhavam meu rosto, assim como no desconforto de Gisele e no buraco do peito de Isabela. Isto pois, o corpo precisa encontrar vazão em outras máquinas desejanças, construindo acoplamentos para que possa se engrenar em uma vida que interessa e que valha a pena de ser vivida.

Nesse sentido, quando comecei a guiar processos todas as semanas, percebia minha presença ainda mais convocada e sentia, também, algumas mudanças em meu modo de estar no mundo. Como transformar as artes e o cuidado de si em um modo de existência? Fui acolhendo as artes do corpo e o cuidado de mim mesma como recurso de produção de existência, alimentando-me. Demorar a comer uma fruta, sentindo a sua textura na boca; apreciar o cheiro do café; sentir a consistência da água que cai sobre o corpo no banho; escrever uma poesia;

tocar um instrumento; fazer um banho de ervas. Olhar para a mãe e se demorar ali. Sentir a textura da sua pele. Fazer uma massagem em seus pés depois de um dia cansativo de trabalho.

Ainda assim, paradoxalmente estar passando por uma pandemia me afetava de diferentes formas e por vezes simplesmente deixava o corpo fluir de forma desimplicada com a vida, estranhando-me com as marcas. Uma montanha russa de afetos. Comecei a aprender a mediar o se entregar demais nos momentos em que estava recebendo o trabalho e o não se entregar por inseguranças internas, num trabalho contínuo de convocar uma presença a partir de uma concentração desfocada.

Isto se deu quando nós, integrantes do projeto, começamos o acompanhamento de processos mediado pela Psicóloga Amaranta. A necessidade desse espaço se deu por reflexões e inquietações da Prof^a. Dr^a. Juliana, de comum acordo entre os demais, acerca de saídas repentinas e inesperadas de antigos integrantes do projeto, como se existisse algum não-dito nas relações do grupo que precisava ser cuidado para acompanhar e acolher a existência do mesmo. Nesse sentido, chamamos o espaço de terapia, mas antes de tudo era um lugar de acompanhamento, em que, semanalmente, Amaranta nos trazia um olhar externo sobre nossos processos de criação e intervinha sempre que necessário.

Esse espaço foi muito importante para tecer nossos vínculos à medida em que colocávamos em palavras aquilo que não era dito e que atravessavam nossas relações e os encontros do grupo. Comecei a ter mais confiança nas minhas conduções, acolhendo meu processo de aprendizagem como algo contínuo e inacabado, sendo a confiança essencial para esse trabalho de cuidado com o outro.

Lembro-me de outra prática que aconteceu no dia 01/09/20 às 16:30 com a presença de três participantes e sete facilitadores, cuja intempérie muito me marcou. Alguns participantes e facilitadores chegaram demonstrando estar com baixa energia, outros pareciam estar leves.

No momento da intempérie, Ediberto Rocha²² pediu a duas participantes que estavam com a energia baixa – e depois estendeu o convite aos demais – para jogar a água que utilizamos durante o procedimento, que continha cravos e mel, em todo o corpo por sobre a roupa e em frente à tela. Aquela, foi uma proposição ousada e que desterritorializou todos ali presentes.

Percebi que o clima mudou com essa proposição e ali tivemos um acontecimento. Todos os participantes e facilitadores vivenciaram a proposta e foi bem bonito ver que todos saíram se sentindo cuidados. Percebi que ali, ainda que alguns estivessem, de forma consciente, se sentindo leves antes da proposta, a água lavou algo que precisava ser lavado e escorrido pelo ralo dos corpos dos presentes. Ela deu a ver, pesos e excessos que sequer percebíamos que estavam ali.

Silva e Lima (2014), discorrem sobre os excessos relacionais que somos impulsionados a ter na atualidade, nas redes sociais, nos espaços urbanos lotados, abordando o capitalismo contemporâneo como um vampiro da sensibilidade e inteligência de nossos corpos. Elas abordam que essas conexões atravessam o ambiente de trabalho e, com uma grande quantidade de estímulos e necessidade de interação, nossa cognição é consumida.

O líder indígena Ailton Krenak (2019), nos dá pistas para pensar o nosso tempo enquanto especialista de criar ausências, em relação ao sentido da vida em si e da vida em sociedade. Como afirmam Silva e Lima (2014), o peso do mundo recai sobre nossos corpos, que precisam ser disciplinados, ajustados e conectados, quase não se tendo espaço para a lentidão necessária a um corpo que sustente as experiências cotidianas. Deleuze e Guattari (2010) abordam que é justamente o corpo sem órgãos, o improdutivo, que desarranja a máquina, que cria as contingências para que ela continue funcionando.

Nesse sentido, a importância de espaços que buscam uma reafirmação da nossa potência

²² Ediberto Rocha do Carmo é graduando em Letras Inglês na Universidade Federal de Uberlândia, bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID), integrante do projeto *Clínica-Poética*. Possui interesse no campo das performances Drags e do Voguing, em especial, a Cultura Ballroom como um todo.

corpórea, se mostram urgentes em nosso tempo. Buscar a inteligência e sensibilidade de nossos corpos a fim de se construir posturas que tenham a alegria como motor de ação. Portanto, é nessa aposta que a *clínica-poética* se coloca diante dos presentes: em busca de uma presença implicada de nosso corpo, fazendo vazar linhas que escapem à dominação de nossa alegria e potência de agir no mundo. De criar.

Nessa perspectiva, fazer vingar novas máquinas desejantes, a fim de estabelecer condições para outro exercício do desejo, intervindo de forma ativa, nas máquinas do poder dominante. Assim, em vistas à uma situação pandêmica e um estado suicidário, uma micropolítica do desejo engendra nos corpos novos devires a fim de resistir às forças que tendem a dominar e reprimir nossa potência, a partir de uma ética, de uma estética e uma política dos encontros.

Acompanhando os efeitos da navegação

Adentrar nessa jangada buscando chegar ao outro lado do rio foi uma experiência de muita intensidade. Cada encontro me via em uma nova possibilidade de criação, descoberta e afetação. A busca por vias racionais em muitos momentos afrouxou ou apertou demais a consistência desta jangada, mas voltar para a sensibilidade de meu corpo e nas marcas que nele se instauraram sempre me abria os sentidos e os apetites. Há, portanto, um trabalho do corpo que se dá ao mediar a abertura às sensações e as marcas que nele se instalam e a indisponibilidade do corpo em lidar com o desassossego que as mesmas geram, momentos esses que nos tornam escravos do tempo e de nós mesmos.

Fui percebendo ao longo dos encontros, que a ética envolvida na proposta do projeto, estava mais ligada em acessar e buscar uma força, uma potência no outro, aumentando sua capacidade de afecção no mundo. Rolnik (1993) pontua que esse processo se dá por constrangimento do regime de signos estabelecidos, fazendo o pensamento entrar em variação. Fui percebendo também, que a concepção de saúde implicada na *clínica-poética* se dá enquanto criação, buscando outras relações com os signos, os modos de existência e os encontros. Para além disso, a necessidade e urgência de um enfrentamento das forças que obstruem a possibilidade de um devir em nós, forças essas que são mobilizadoras, adestradoras e normatizantes.

Essas forças se dão no invisível das nossas relações, nas palavras de ordem que insistem em fixar modos de se estar no campo urbano da cidade, na rua, na escola, na família, na igreja e tendem a enrijecer novas possibilidades de movimento, produzindo um corpo que obedece. Nesse sentido, o projeto, a partir das artes do corpo, busca criar passagens aos fluxos que se encontram bloqueados devido à tais forças, apostando na criação enquanto possibilidade de construção de novos sentidos e modos de existência. É na baba que escorre, na casca, na clara do ovo, nos pés no chão, na troca de olhares demorada, no corpo selvagem, corpo gato, que

vemos a possibilidade de pequenas fissuras que se abrem nos contornos de um corpo organizado à um modo de vida ordinário.

Nesse sentido, fui entendendo que as marcas que a *clínica-poética* instaurou em meu corpo, me engajaram em um processo de produção da existência implicado em uma saúde do pensamento e dos modos de vida. Um trabalho que me capturou pela sua estética e foi me envolvendo a cada encontro ao atuar de forma política e ancorada com a realidade e suas contradições. A partir do embate às palavras de ordem que nos aliena de nossa capacidade perceptiva e criativa, se vai construindo uma política do encontro que se dá na relação, no silêncio, nos olhares, no estranhamento, no toque, no cheiro, tendo como premissa a produção de existência e sentidos no mundo.

Foi assim que a construção de um corpo felino, tal como apresentado na primeira experiência, e as modulações de um corpo diante um ovo, tal como vividas na segunda experiência relatada, eram clínicas. As mesmas agenciavam um conjunto de signos, pressuposições e movimentavam as partículas dos corpos ali presentes a se afetar e serem afetados, bem como alterar as capacidades de agir no mundo, produzindo a existência. Para além disso, alertavam sobre sintomas, os quais se situam em um contexto sociopolítico, atualmente permeado pelo capitalismo contemporâneo, o qual esforça-se, continuamente, a capturar nossos corpos e subjetividades. O engasgo, a sensação do buraco no peito, o cansaço, irritação, ansiedade, são operações do corpo que nos denunciam um modo de funcionamento que precisa encontrar passagem. Assim, agenciar uma força de destruição tal como fez Isabela em seu travesseiro, movimenta essas forças capitalísticas de desterritorialização e enrijecimento dos corpos a partir da ruptura e bifurcação dos signos, apostando na sensibilidade do corpo. Nesse sentido, aposta em uma sabotagem das forças virtuais e invisíveis que compõem o campo macropolítico, buscando investir em grupos sujeito, apostando na multiplicidade de cada um e de todos os envolvidos.

Foi interessante perceber, também, que o corpo possui uma inteligência, sensibilidade e capacidade de se auto cuidar a partir das tecnologias de si. Assim, todos nós possuímos recursos os quais podemos ser agenciados em uma composição clínico-poética de cuidado de si para possibilitar saúde e potência em nossos corpos. Trabalhar a sensibilidade do corpo é uma forma de resistência às capturas imperiosas do capital, em relação a nossa percepção, nossa atenção e nossos desejos. Uma aposta em modos de vida mais implicados ética-estética-politicamente. Produzir, portanto, sujeitos que se engajam na existência de um modo ativo, incorporando no pensamento relações outras com os corpos e com o espaço. Um embate aos movimentos no mundo que se dão por ressentimento e resignação, os quais funcionam como uma forma de controle de nossa potência criadora.

Assim, a presente navegação buscou descrever as paisagens e abrir passagens aos processos experienciados na *clínica-poética*. Com isso, convidei quem leu a se sensibilizar com um modo de navegação que se constrói enquanto se navega e que considera as artes um acontecimento capaz de engendrar outros possíveis, ainda que em meio a uma crise pandêmica e uma crise de presença. Como nos lembra Manoel de Barros “Quem anda no trilho é trem de ferro, sou água que corre entre pedras: liberdade caça jeito”. Que possamos abrir passagens e caminhos para navegar rios e oceanos, buscando desarranjar as máquinas e ainda assim devirmos outros.

Referências

- Baremblytt, G. F. (2002). *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*, 5ed., Belo Horizonte, MG: Instituto Felix Guattari (Biblioteca Instituto Félix Guattari; 2).
- Barros, L. P., & Kastrup, V. (2009). Cartografar é acompanhar processos. In E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 52-75). Porto Alegre: Sulina.
- Bataille, G. (2013). *A parte maldita, precedida de "A noção de dispêndio"*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Bom-Tempo, J. S. (2015). *Por uma Clínica Poética: experimentações em riscos nas imagens em performance* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Bom-Tempo, J. S. (2019). O QUE PODEM OS CORPOS QUANDO NÃO HÁ AMANHÃ? (No prelo).
- Deleuze, G. & Guattari, F. (1997). *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia Vol.4*, São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G, & Guattari, F. (2010). *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34.
- Deleuze, G. (1997). *Crítica e clínica*. Editora 34.
- Deleuze, G. (1999). *Bergsonismo*. Editora 34.
- Deleuze, G. (2002). *Espinosa: Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta.
- Deligny, F. (2013). Jangada. *Cadernos de Subjetividade*, 10(15), 89-90.
- Fausto, C. S., Chammas, M. C., Saito, O. C., Garcia, M. R. T., Juliano, A. G., Simões, C. A., & Cerri, G. G. (2004). Timo: caracterização ultra-sonográfica. *Radiologia Brasileira*, 37(3), 207-210.

- Favre, R. (2010). Trabalhando pela diversidade subjetiva. *Cadernos de Subjetividade*, 12, 108-123.
- Feil, G. S. (2010). Procedimento e erotismo na obra deleuziana: considerações. *Revista Margens Interdisciplinar*, 6(7), 85-96.
- Fiocruz. (2020). *Recomendações gerais*. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19.
- Foucault, M. (2004). Tecnologias de si, 1982. *Verve. Revista Semestral Autogestionária do Nu- Sol*, 6, 321-360.
- Guattari, F. (2016). Micropolítica do fascismo. *Cadernos de Subjetividade*, 19, 173-190.
- Kafka, F. (2012). *A metamorfose; Um artista da fome; Carta ao pai*. São Paulo: Martin Claret.
- Kastrup, V. (2009). O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade* (pp. 32-51). Porto Alegre: Sulina.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Laboratório de Aplicações de Satélites Ambientais [LASA] - UFRJ. (2020). Área queimada- Pantanal 2020. Acessado em 22 de outubro, Recuperado de: <https://lasa.ufrj.br/noticias/area-queimada-pantanal-2020/#>
- Lazzarato, M. (2010). Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. *Cadernos de subjetividade*, (12), 168-179.
- Lispector, C. (1998). *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Lowen, A. (1983). *O corpo em depressão: as bases biológicas da fé e da realidade*. São Paulo: Summus.
- Lukács, G. (2009). Concepção aristocrática e concepção democrática do mundo. In C. N. Coutinho, J. P. Netto (Orgs.), *O jovem Marx e outros escritos de filosofia* (p.25-54). Rio de

Janeiro: Editora UFRJ.

Ministério da Saúde. (S.d). *Práticas Integrativas e Complementares (PICS):* quais são e para que servem. Saúde de A a Z. Acessado em 21 dez. 2020. Recuperado de:

<<https://antigo.saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>>

Orlandi, L. B. (2004). *Morada do Ente. Nietzsche e Deleuze: Bárbaros e Civilizados*: São Paulo: Annablume, 248.

Passos, E., & Barros, R. B. (2009). Por uma política da narratividade. In E. Passos, V. Kastrup, L. Escóssia (Orgs.), *Pistas do método da cartografia* Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade (pp.150-171). Porto Alegre: Sulina.

Paxton, S. (2008). *Material for the Spine: um estudo do movimento*. Bruxelas: Contredanse. (DVD).

Pelbart, P. (2013). *O avesso do Nilismo*. Cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições.

Pereira, M. E. M., & Gioia, S. C. (1988). Do feudalismo ao capitalismo: uma longa transição. In M. A. Andery, et al. (Orgs.), *Para compreender a ciência* (p.157-174). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo; São Paulo: EDUC.

Peretta, E. (2019). Diásporas do corpo de carne. *Ephemera*, 2 (2), 3-6.

Rolnik, S. (1993). Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. *Cadernos de subjetividade*, 1 (2), 241-251.

Rolnik, S. (2006). Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia. *Lygia Clark: da obra ao acontecimento. Somos o molde. A você cabe o sopro*. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Safatle, V. (2020). Bem-vindo ao Estado suicidário. 7(04), n-1 edições. *Acessado em 21 dez. 2020*. Recuperado de: <https://www.n-1edicoes.org/>

Silva, J. A, & Lima, E. M. (2014). Ocupar-se de nada, povoar-se de muito: experimentações

entre as artes e a vida. *Cadernos de subjetividade*, 16, 151-162.

Torralba, R. (2014). A Fantasmática do Corpo de Lygia Clark: interfaces entre arte e clínica.

Cadernos de Subjetividade, (16), 187-198.

Anexos**Anexo I****Declaração participantes**

Eu _____, portador (a) do CPF _____ declaro, para os devidos fins, que autorizo as pesquisadoras Karine de Miranda Alves, estudante de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), portadora do CPF 125.656.926-76 e Juliana Soares Bom-Tempo, Psicóloga e Docente do Curso de Dança da mesma universidade, portadora do CPF 070.227.696-05 e do CRP 23618/04, a utilizar relatos referentes a minha participação enquanto participante nos encontros ligados ao projeto de extensão *Por uma clínica-poética*, dentro do período entre agosto de 2019 até dezembro de 2020, visto que meu anonimato seja garantido através de um pseudônimo. Esta autorização se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Karine de Miranda Alves, sob orientação da professora Dr^a. Juliana Soares Bom-Tempo, que tem como objetivo analisar as dimensões Ético, Estético e Político na *clínica-poética*, bem como para futuras publicações.

Assim sendo, firmo o presente,

Uberlândia, _____ de 2020/2021.

Anexo II**Declaração equipe e/ou acompanhante**

Eu, _____, portador (a) do CPF ______declaro, para os devidos fins, que autorizo as pesquisadoras Karine de Miranda Alves, estudante de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), portadora do CPF 125.656.926-76 e Juliana Soares Bom-Tempo, Psicóloga e Docente do Curso de Dança da mesma universidade, portadora do CPF 070.227.696-05 e do CRP 23618/04, a utilizar relatos referentes a minha participação enquanto equipe e/ ou acompanhante nos encontros ligados ao projeto de extensão *Por uma clínica-poética*, dentro do período entre agosto de 2019 até dezembro de 2020, sendo que autorizo a utilização de meu nome ao longo do trabalho. Esta autorização se refere ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) de Karine de Miranda Alves, sob orientação da professora Dr^a. Juliana Soares Bom-Tempo, que tem como objetivo analisar as dimensões Ético, Estético e Político na *clínica-poética*, bem como para futuras publicações.

Assim sendo, firmo o presente,

Uberlândia, _____ de 2020/2021.